

VEICULO O Prelo CIDADE Rio de Janeiro
 ESTADO Rio de Janeiro DATA 10.16.79
 COLUMISTA

11
76

ra, Zilda Mayo, Neide Ribeiro e outros. Em cartaz nos cinemas Rio e de Niterói.

Imagem pronta

O diretor Bebenco concluiu em 13 semanas as filmagens de seu mais novo trabalho, **A Terra é Redonda** no **Uma Laranja**, inteiramente filmado na cidade de São Paulo. A música é de João Neschling e no elenco estão Marília Pera, Jardel Filho, Elke Maravilha, Tony Tornado e quatro garotos, sobre os quais desenvolvem toda a ação da obra.

O Princípio do Prazer

O filme conta a estória de quatro irmãos que nos anos 30 vivem uma relação incestuosa, fugindo sempre que são descobertos no seu comportamento, travestidos de casais. Segundo o diretor, este é um filme a favor do amor e da vida, com os quatro irmãos acusados de um crime contra a sociedade, mas que na verdade procuravam apenas ser felizes.

Filme nacional, impróprio para menores de 18 anos, com Odete Lara, Paulo Villaça, Ana Maria Miranda e outros, em exibição em vários cinemas do Rio e de Niterói.



Ana Maria Miranda e Nuno Leal Maia numa cena do filme "O Princípio do Prazer"

"Felicidade" empolga Jorginho do Império

O partideiro Jorginho do Império, filho do consagrado Mano Dédada Viola, está empolgado com o sétimo disco de sua carreira, o significativo título **Felicidade**, que é, também, o nome de todas as faixas do elepê, compositor Gracia do Salgueiro. **Felicidade**, gravado no estúdio Gazeta, São Paulo, teve direção artística de Eduardo Lages, produção de Romeu Gioza e arranjos do maestro Geraldo Vespar. No disco, é o terceiro lançado pela CBS, Jorginho do Império, conhecido nacionalmente por sua alegria e contração, sempre mostradas nos seus sambas e do jeito andro de cantar, procura, ainda homenagear a criança no ano da dedicatória, com a faixa **Pequenas Majestades**, de Arsênio e O disco tem outras composições de destaque, como **Obsessão** de Mano Décio e Ozório Nogueira, e **Silêncio da Seresta**, feita em 1954 por Adelino Moreira, regravada após 25 anos do seu lançamento. Jorginho do Império anda à toa, pois sabe que seu notável trabalho vai-lhe proporcionar, certamente, **Felicidade**.

José Augusto chegou no Norte

José Augusto, apontado como o maior brasileiro de maior sucesso nos países de língua espanhola, vai a lançar em 12 países da

América Latina o seu novo elepê, onde se destaca a composição **Me Olvide de Vivir**. Essa mesma música, na versão em português, **Me Esqueci de Viver**, já ocupa o primeiro lugar de vendagem em todos os Estados do Norte/Nordeste do Brasil, já caminhando para 90 mil cópias vendidas, em pouco mais de um mês, de seu último álbum.

Em janeiro, José Augusto embarca para a Argentina, onde fará uma série de 28 espetáculos, seguindo depois para o Chile, onde representará o Brasil no 21.º Festival Internacional da Canção de Vina Del Mar, em fevereiro.

"Couro Comendo" com Jair Rodrigues

Jair Rodrigues, com sua bossa e sua simpatia, está na praça com o seu vigésimo quinto elepê, intitulado **Couro Comendo**. A composição principal do disco é da dupla Ary do Cavaco e Otacilio, sendo que este último, em parceria com Rubens da Mangueira, também assina o samba-enredo **Mulato Chocolate**, desclassificado ano passado na Estação Primeira de Mangueira. Ainda no repertório, entre outras, **Ela é Portela**, de Jair Amorim e Evaldo Gouveia; e **Minha Rua**, de João Pacífico.

Para muitos, dos últimos trabalhos de Jair este é o mais incrementado e pra frente, onde o couro come de verdade. Parabéns ao artista e a PolyGram que lhe deu total apoio.

shows

Show de Timóteo no Teatro Alaska

Com 15 anos de vitoriosa carreira artística e total sucesso no disco, rádio e televisão, Agnaldo Timóteo vem brilhando, também, no palco do Teatro Alaska, no Rio, com o show "Deixe-me Viver", numa curta temporada que será encerrada no próximo dia 17. O espetáculo, apresentado as segundas-feiras, sempre as 21 horas, tem roteiro de Bibi Ferreira o que, sem dúvida, valoriza o show.

Timóteo, muito a vontade, relembra os maiores sucessos dos seus 15 anos de carreira e mostra 4 músicas de seu novo elepê: "Matinatta", de Leoncavallo; "Grito de Alerta", de Luiz Gonzaga Jr.; "A Valsa", de Nelson Ned; e "Meu Quintal", uma canção evocativa feita pelo próprio Timóteo, além de interpretações muito pessoais para "Travessia", de Milton Nascimento & Fernando Brant; e um clássico de Frank Sinatra, "All The Way".

Hélio Delmiro no Teatro Ipanema

De quarta-feira a domingo, Hélio Delmiro estará apresentando no Teatro Ipanema, Rio, sempre às 21h30min, o show "Emotivo", acompanhado dos músicos Paulinho Braga (bateria) e Paulinho Russo (baixo), num espetáculo que promete ser um grande acontecimento musical.

Hélio Delmiro é guitarrista, violonista, produtor, compositor e parceiro de Paulo César Pinheiro. Sua versatilidade deu-lhe chance de mostrar o seu talento e profissionalismo a muitos artistas da M.P.B. (Victor Assis Brasil, Luís Eça, Elis Regina, Clara Nunes e outros) e a artistas internacionais (Sarah Vaughan, Larry Coryell). Participou dos Festivais de Jazz de São Paulo e de Montreux, em duo com Luís Eça, e dos Festivais da Bélgica e Japão. Atualmente, desenvolve trabalho com Milton Nascimento está atuando com uma tournée pela Argentina.

Neste show, com as músicas de Victor Assis Brasil ("Waltz") e "Pro Zeca") algumas de sua autoria ("Emotiva nº 1", "Das Cordas", "Chamada") e músicas de outros compositores "Misty, de Errol Gerer, e "Epistrophe", de T. Monk, Hélio Delmiro poderá comprovar ao público carioca o seu extraordinário talento.

Novas atrações no American Circus

O Calhambeque Maluco, dirigido pelo palhaço Lambança, um dos mais engraçados e talentosos da América Latina; Ximbica com sua inusitada bateria, onde os



Nossa confrerinha Baby Garroux, uma simpatia, que pontifica na press de São Paulo, vem de receber o título de Atriz Revelação de 79, pelo seu marcante papel na novela "Cara a Cara", na Tv Bandeirante. Baby continua recebendo merecidas felicitações pela distinção, as quais juntamos, agora, a "braçada" muito sincera do Agá Eme, em nome de toda à equipe do nosso O PRELO

taróis, bumbos e caixas são substituídos por "vasos" esmaltados; o elefante que se equilibra em estreitas estacas; o jovem mágico que fantasia de ilusões os olhos e a mente de todas as crianças com seus truques sensacionais e surpreendentes; os trapezistas, que conseguem prender a atenção do público e arrancar alguns suspiros de alívio após cada "lance" no espaço, são as novas atrações que estão sendo apresentadas no North American Circus, que está funcionando de terça a domingo, na Praça Onze, Rio.

O espetáculo agrada de verdade, e todos os fins de semana a lotação fica esgotada. Aos domingos, sessões a partir das 10 da manhã.

O PRELO dentro da noite

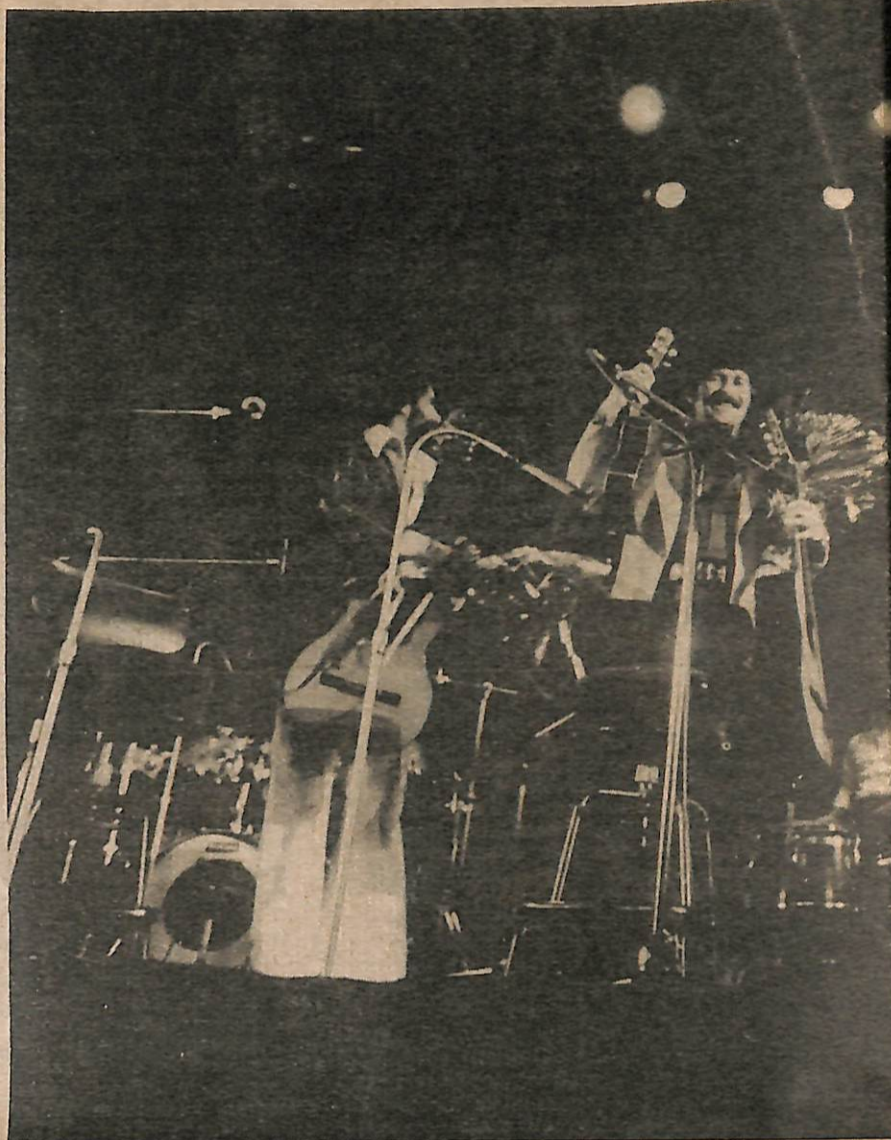
● Inaugurado recentemente em São Gonçalo, na Rua Dr. Francisco Portela 2.738, o Bar e Restaurante Sorôco Comes & Bebês & Papos, vem sendo o ponto de encontro preferido pelos boêmios, artistas e desportistas da terra de Luiz Palmier. A casa é acolhedora e os proprietários sabem receber como ninguém.

● Após ter faturado muito sucesso em diversas cidades do interior de Minas, o show "A Noite", de Ivan Lins, retorna ao Rio e entra em cartaz no Cine-Show Madureira; do dia 20 ao dia 23 do corrente.

● Quem gosta de dançar na base de gafeira não deve perder as noites realizadas na "Granfinagem" (gafeira de bamba), na Avenida Rio Branco, 277, Rio. O som é por conta do maestro Carioca e as atrações são os cantores Jamelão e Everardo.



Pedagogos é o título do show que a muito querida Simone (foto) está apresentando, com sucesso, no Canecão. O espetáculo tem direção geral de Flávio Rangel, cenários de Mário Monteiro e direção musical de Nelson Ayres. Simone, além de cantar músicas dos seus últimos elepês — Jura Secreta, Cordilheira, Sob Medida, Outra Vez e Começar de Novo são algumas —, também dá novas interpretações a músicas gravadas por outros cantores e que passaram a fazer parte também do seu repertório. Nesse show, Simone é acompanhada pelo seu grupo: Alemão (guitarra), Ivãni Sabino (balxo), Dom Bira (percussão), Roberto Sion (sopros), William Caran (bateria) e Nelson Ayres (teclados), mais um coro e uma orquestra de vinte cordas. A temporada, de quarta a domingo, será encerrada dia 30 do corrente.



Música Brasileira é popular no Japão

Representada pela cantante Maria Creusa, a Música Popular Brasileira acabou se transformando na grande vedete do recente Festival Internacional da Canção de Tóquio, promovido pela Fundação Yamaha, e que este ano comemorou o décimo aniversário de sua realização. Apresentando "Launda Sile" (desde o início apontada como uma das favoritas do certame), composição da dupla Antônio Carlos e Jofafi, concorrendo com mais 16 artistas do mundo inteiro, Maria Creusa não somente ampliou, mais ainda, a penetração de nosso ritmo no Hemisfério Oriental como, também, firmou seu nome dentre os de maior popularidade na Terra do Sol Nascente. Para que melhor passo ser avaliado este seu trabalho, basta a informação de que o mercado fonográfico japonês ocupa o segundo lugar na produção mundial, apenas superado pelo do Estados Unidos. Pois foi justamente de lá que a intérprete baiana trouxe o segundo lugar, voto vencido para a norte-americana Rita Colidge. Fazendo, com isso, a Música Brasileira também ser popular até no Japão.



Maria Creusa Marques Pinto nasceu baiana, numa cidade chamada Esplanada. Criança, ainda, os elogios recebidos não eram só para a sua beleza morena mas, também, para a limpidez de sua voz. E começou cantando nas festinhas escolares até ser sempre o ponto alto das reuniões musicais promovidas em casa das pessoas amigas. Desse público ao vivo, experimentou a emoção de ser vista pelo vídeo quando atendeu a um convite da TV-Itapoã, de Salvador. Um sucesso tão grande que acabou ganhando um programa musical inteiramente seu.

Intérprete romântica das mais sensíveis, Maria Creusa realizou uma série de apresentações em show no Teatro Vila Velha, recebendo críticas das mais elogiosas. Por volta de 1967, já com prestígio consolidado na Boa Terra, teve seu nome indicado como intérprete como representante da Bahia no Festival da TV-Record. E ela em São Paulo defendendo a música "Terreiro de Alaketo", da dupla Antônio Carlos e Jofafi, uma canção inspirada em motivos africanos e no candomblé da Bahia.

1969 já vem encontrá-la no Rio de Janeiro. No palco do Teatro João Caetano recebe a consagração do público e da crítica ao ser eleita Melhor Intérprete do IV Festival Universitário da Música Popular defendendo a canção "Mirante", de César Costa Filho.

A grande oportunidade de Maria Creusa apareceu com um convite para excursionar pela Argentina, ao lado de Vinícius de Moraes e Toquinho, realizando uma série de apresentações em teatros e tevês, inclusive gravando um elepê em castelhano, até hoje não

distribuído no Brasil. Com a mesma dupla, mais tarde, ela viajaria para a Europa, gravando em Paris mais dois elepês.

Enquanto, lá fora, seu nome atingia as proporções de ídolo da canção popular brasileira, Maria Creusa, no Brasil, assinava contrato com a gravadora RCA. Seu primeiro elepê tinha por título "Eu Disse Adeus". Sua vendagem, nos dois primeiros meses de lançamento, atingia a marca das 85 mil cópias. Então, um novo contrato para Buenos Aires, desta vez para apresentações individuais no Edipo Café-Concerto, que teve ingressos esgotados cinco dias antes da estréia.

Cantando canções de autores consagrados, Maria Creusa é, hoje, uma das mais importantes cantoras da moderna canção romântica brasileira. Com mais de oito elepês gravados no Brasil, sempre pela RCA, "Pecado" é o seu mais recente disco. Nele, Maria Creusa mostra toda a sua potencialidade como intérprete, às vezes até cantando em dueto consigo mesma. "Folhetim", de Chico Buarque, recebeu novas tintas, assim como "Falso Brilhante", de João Bosco e Aldyr Blanc ganhou outra lapidação vocal.

Agora, foi a vez do Japão. Além do segundo lugar conquistado, um dos pontos altos da excursão está no fato de ser ela a única artista brasileira a possuir, lá, um fã-club organizado, com mais de 300 sócios cadastrados com carteirinha e tudo. Essa "guarda-de-honra" acompanhou Maria Creusa ao Hybyhia Concert Concert Hall, onde a estrela era a convidada-especial da festa de vigésimo aniversário da carreira artística do tecladista Hidemi Saitoh.

Porque o seu cabelo CAI CAI CAI?

PRESTE ATENÇÃO Isto interessa a você!

Estas são as mais comuns anomalias responsáveis pela perda do seu cabelo:

CASPA SEBORRÉIA COCEIRA CABELO OLEOSO
 CABELO QUEBRADIÇO COURO CABELUDO DOLORIDO

VISITE-NOS IMEDIATAMENTE **LANE** EXPERIENCIA E SUCESSO INTERNACIONAL
 Consultas inteiramente GRÁTIS

PÇA. 15 DE NOVEMBRO, 38 a Sala 76 - Rio-RJ • 232-4574
 A UM MINUTO DA ESTAÇÃO DOS AEROBARCOS
 FUNCIONAMOS ÀS 2.^{as} E 4.^{as} ATÉ 19 Hs. - 3.^a 5.^{as} E 6.^{as} DE 10 AS 17 Hs.

IMPORTANTE: TEMOS TAMBÉM UM DEPARTAMENTO FEMININO

ROTEIRO SOCIAL

Ivan Monteiro



Hermenegildo Sá Cavalcante, Ana Maria e Victor Andrew Schally, o ex-governador e sra. Adatao Bezerra, na noite do Carinhoso

Prêmio Nobel

O professor Victor Andrew Schally, Prêmio Nobel de Medicina em 77, ao lado de sua mulher, a brasileira Ana Maria, que é cearense, marcou sua presença na noite carioca, jantando na sexta-feira no *Rive Gauche*, e dançando no sábado no *Carinhoso*.

O professor Victor e sua mulher Ana Maria eram ciceroneados pelos casais Humberto Barreto, ex-governador Adatao Bezerra, do Ceará, e Hermenegildo Sá Cavalcante.

A boa bagaceira

Como um bólido, o fusca de placa RR-1040 abalroou pela lateral um Opala na famosa Curva do Calombo, jogando-o nas águas da Lagoa Rodrigo de Freitas.

O fato, comum nos últimos tempos loucos do Rio, ocorreu na noite de sexta-feira. O proprietário do Opala, antes de ser socorrido no Miguel Couto, apenas preocupava-se com uma garrafa de bagaceira portuguesa que levava no carro, e que, segundo ele, era muito boa. Um cabo da PM, que chegou ao local, mergulhou nas águas da Lagoa e de lá retirou a bagaceira, além dos documentos e dos óculos do proprietário.

O fusca causador da "tragédia" fugiu, ninguém sabe para onde.

A volta do poeta

O poetinha Vinicius de Moraes voltou à vida noturna sábado, no *Concorde*, em mesa que participavam: Gilda, Ana Beathriz e Tom Jobim, Regina e Zeca Marques da Costa.

Ainda no *Concorde*, na mesma noite, anotamos em mesas separadas Marilu e Dirceu Fontoura, Nani e Moema Jafet, Marlene e Sérgio Jucice, Maria Alice e José Halfin, Raquel e Arnaldo Suquerman, Waleska e Antonio Rego, Vera e Maurício Haddock Lobo, Marlene e Antônio Rodrigues dos Santos, Vera e Renato Simões.



JORNAL DE

IBRAHIM SUED

Cidade sem roubo

Ruth e Francisco Elísio Pinheiro Guimarães circulando novamente no Rio, depois de um giro de quatro meses e meio por toda a Europa, que incluiu uma esticada até os States, com escala final na Guatemala, onde passaram 15 dias hospedados na Embaixada brasileira. Ruth chegou muito contente e bem impres-

sionada com o Ciudad de Guatemala, que está lotada de turistas nesta época do ano, atraídos não só pela beleza do lugar, mas pelos baixos preços e ótimos serviços dos hotéis e restaurantes que não ficam a dever nada aos europeus. Segundo ela, roubos e assaltos não existem naquela cidade.

• Ana Luisa e Gustavo Capanema são os anfitriões da próxima sexta-feira, recebendo para jantar Maria José e Marcos Magalhães Pinto. ★★ "From" Biarritz, onde está residindo com sua mulher Rosita e um robusto filho de 7 anos, o embaixador Frank Mesquita, que está circulando no Rio, motivou o pequeno jantar que Zeca e Helô Wilemsens promoveram ontem, reunindo também Belita e Marcos Tamoyo. ★★ Amália Lucy Geisel revendo os ares de Brasília, onde circulou ontem para assistir uma exposição de artesanato, assunto em que é especialista.

• Hoje, no Auditório da Casa do Pequeno Jornaleiro, missa solene pelos 84 anos de nascimento de Dona Daray Vargas. Em seguida, Alzirinha do Amaral Peixoto fará uma conferência sobre a vida de sua mãe e suas atividades na Legião Brasileira de Assistência. ★★ Sob a presidência de Juvenal Inojosa, a Ordem dos Velhos Jornalistas reúne-se dia 18 no Clube Militar, para almoço de confraternização natalina.

Vinicius de Moraes

Amado em disco: Com Dorival Caymmi dedilhando o violão, Jorge Amado faz hoje no Rio, nos estúdios da Som Livre, seu "début" em disco, gravando trechos de seu livro "Bahia de Todos os Santos", onde revelará os "segredos e roteiros" de sua terra. O livro é uma espécie de guia turístico com alta dose de poesia e misticismo. Aliás, ontem, a presença de Jorge na Belacap era saudada por Alfredo Machado.

Rio feminino

Dados reunidos pelo IBGE demonstram que está crescendo, entre a população que sai de seus Estados para morar no Rio (migração interna) o contingente feminino. Se em 1960 as mulheres representavam 55% das famílias que chegavam, em 1970 o número saltou para 75%. Apesar de ser um esforço nacional o fim da migração, muitos cariocas torcem para que, pelo menos em relação à Belacap, o fluxo continue em alta.

• Tormenta em Brasília: Brasília voltou ontem a assustar seus pacatos habitantes, com fortíssimas tormentas e surpreendentes ondas de dois metros e picos no Lago Paranoá. Há semanas, essas ondas causaram prejuízo ao Clube Naval. E a alguns telhados de casas ilustres, como a do ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos.

• Jantando este fim de semana no eixo Concorde-Special, Marilu e Dirceu Fontoura, Renato e Norma Simões. Em outra mesa, batiam papo animado os casais Vinicius de Moraes e Antonio Carlos Jobim. Vinicius se recuperando bem. Alfredo Machado demonstrando preocupação com o salto das cotações do dólar, confidenciou a um grupo de amigos, durante recente jantar: "Depois de xingar-lo e amaldiçoá-lo, vamos sentir saudades do compulsório".

• Riffi no Champs Elysées: Confesso a vocês que é a pura verdade. Não é nacionalismo, não! Quarta-feira passada para eu poder entrar no Club 78-Rio Lido, em Paris, foi uma zorra. Tive que entrar pela porta de serviço. Havia tumulto na porta e até carro da Polícia para conter o público. Por exemplo, Humberto Saade não conseguiu entrar naquela noite, tal a multidão que também queria entrar. E a coqueluche noturna de Paris no momento. Pé no jato, amigo!

O barão no hospital

O barão Lúcio Schiller internado ontem no Prontocor, na base da emergência, vítima de um edema pulmonar. Os médicos, nas primeiras horas da tarde, já o liberavam de qualquer perigo maior, e nos próximos dias ele voltará para casa, devidamente submetido à pressão dos amigos para que não volte a fumar. ★★ Leda e Maneco Nascimento Brito reúnem amigos hoje para jantar, homenageando Fernanda e João Ribeiro Suplicy Haffers, um dos brasileiros fortes em Nova York no mercado cafeeiro.

• Para decorar a vitrina de sua boutique, que será inaugurada sexta-feira, Candinha da Silveira recuperou uma casa de bonecas do início do século que pertence à sua família. A casa, com um metro e meio de altura, mostra em detalhes todos os cômodos mobiliados, inclusive decorados com lustres de cristal.

• Lúcia Mayrink Veiga de volta à casa, depois de rápida temporada em um hospital.

★ ★ ★ Ivone e Harry Giglioli convidam dia 18 para jantar em Brasília, homenageando o Ministro Said Farhat e Ray. ★ ★ ★ Lea Leal a todo o vapor no movimento de fim de ano, para aumentar a erva da LBA em suas ações beneficentes. Nas próximas semanas será lançado em benefício do Programa Nacional do Voluntariado o livro "Portinari, Menino de Brodóski".

CAPRICHOS 498
12. 12. 79

COXIXOS & BUXIXOS

- Christiane Torloni confessa: já está cansada de acordar à noite para amamentar os gêmeos Guilherme e Leonardo. Pudera!
- Denis Carvalho fez a fama e deitou na cama: é considerado um grande careta entre os colegas. Mas de talento.
- Atualmente, Regina Duarte faz o gênero esquentada: desliga o telefone na cara de quem quiser entrevistá-la por meio deste veículo.
- Vinicius de Moraes ficou emocionado ao saber que era o poeta preferido de Roberto Carlos.

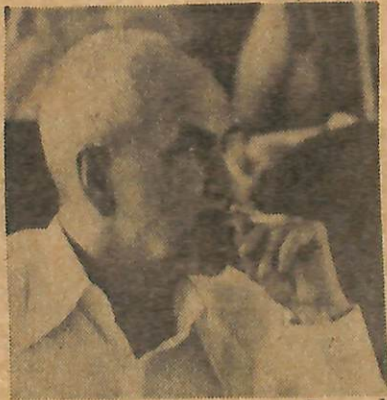
RODA-VIVA

- De volta à sua casa, em processo veloz de restabelecimento, Vinicius de Moraes. Depois das festas de fim de ano, seguirá para a fazenda de Carlos Leão, de onde só voltará depois do verão.
- O filme Don Giovanni sai no Rio dia 17, no Cinema-1.
- O Governador Chagas Freitas indicou um de seus principais assessores, Antonio Augusto Teixeira Neto, para o curso de pós-graduação de três meses no Instituto Internacional de Administração Pública adjunto à Sorbonne, onde o indicado, aliás, já estudou quatro anos.
- O aniversário de Ana Maria Tornaghi Affonseca movimentou anteontem a noite do Hippopotamus.
- O filme Prova de Fogo, dirigido por Marcos Altberg, vai lançar uma nova estrela de primeira grandeza no cinema brasileiro: Maitê Proença.
- Está certa a promoção, em caráter particular, do baile de carnaval do Pão de Açúcar.
- Fernanda e Zezito Colagrossi eram presenças no lançamento, ontem, durante um cocktail no Caesar Park, do jornal Happy, editado por seu filho, Juca. É mensal e vai ser distribuído pelo sistema de mala direta.
- O Sr Francisco Eduardo de Paula Machado foi assaltado anteontem à tarde em plena Rua da Assembleia. Ou melhor: foi quase assaltado. Embora os ladrões, três, tivessem rasgado a sua roupa, nada conseguiram levar diante de sua reação.
- O filme Bye, Bye Brasil será exibido novamente amanhã em sessão particular na cabina do M Méridien.
- Robert Bergé recebendo as primeiras garrafas do Beaujolais deste ano.
- Na varanda do Antonio's o professor e Sra Carlos Flexa Ribeiro.
- Um sucesso a grande noite de cozinha marroquina promovida anteontem no Clube Marimbás.
- Não foi apenas uma festa mas um grande show — com a apresentação de vários artistas — a noite que festejou anteontem no Caesar's Park de Las Vegas os 64 anos de Frank Sinatra.

Zózimo Barrozo do Amaral

Falecimentos

Arquivo 1976



Lúcio Rangel

Rio de Janeiro

Lúcio Rangel, 65, jornalista e crítico de música popular. Na residência. Figura de destaque no Rio de Janeiro literário, artístico e boêmio das últimas quatro décadas, nasceu na Praça Afonso Pena, na Tijuca, a 17 de maio de 1914. Neto de engenheiro e diretor de Obras da Prefeitura, Nascimento Silva (hoje nome de rua em Ipanema onde morava quando morreu), teve frustrados pelo pai, **Armindo Rangel**, seus primeiros impulsos na direção da música: queria aprender saxofone. Em 1932, ainda por influência paterna, ingressou na Faculdade de Direito do Catete, onde foi contemporâneo de **Vinicius de Moraes**, **Jorge Amado**, **Octávio de Faria**, **Murilo Miranda** e **Guilherme de Figueiredo**. É dessa época seu interesse pela literatura. A convite de **Murilo Miranda**, tornou-se, em 1936, Secretário de redação da **Revista Acadêmica**, cujo corpo de colaboradores contava com **Portinari**, **Lazar Segall**, **Jorge de Lima** e outros. Nesse mesmo período, fez-se amigo de **Mário de Andrade** e com ele viajou pelo Brasil realizando conferências sobre música e literatura.

Embora chegasse a se formar em 1936, dedicou-se pouco à advocacia. O jornalismo — que jamais abandonaria e no qual exerceria praticamente todas as funções — iria absorvê-lo inteiramente a partir de 1937, quando começou a trabalhar em **Letras**, jornal literário editado por **José Olympio**. Dois anos depois, passaria a ser uma espécie de faz-tudo em **Sombra**, revista que ajudaria a reformular gráfica e editorialmente, contratando **Manuel Bandeira**, **Rubem Braga**, **Paulo Mendes Campos** e **Santa Rosa** como colaboradores. Vizinho de **Bandeira**, era um de seus mais íntimos amigos, tendo o poeta lhe dedicado um dos fragmentos de **Estrela da Vida Inteira**: "Andorinha, andorinha você leva ao Rangel" (o Lúcio) esta festinha do amigo Manuel". Durante toda a década de 40, foi frequentador assíduo dos bares da Lapa, do Amarelinho, do Parcelas e do Vilarinho. São seus companheiros mais constantes, naquilo que costumava chamar de "boêmia esclarecida", **Mário de Andrade**, **Rubem Braga**, **Portinari**, poetas, artistas plásticos, músicos. Membro da **Société des Amis de Marcel Proust**, a literatura francesa, de um modo geral, era a sua especialidade (aprendeu a ler francês sozinho, debruçado sobre **Le Crime de Silvestre Bonard** e **Le Lys Rouge**, de **Anatole France**). No jornalismo, porém, se tornaria famoso como crítico de música popular, paixão que cultivava desde menino, sem saber que seu arquivo, organizado amadoristicamente, ainda seria um dos mais completos sobre o assunto (16 mil discos que acabaria doando ao Museu da Imagem e do Som). Foi ele mesmo que convenceu **Vinicius de Moraes** a entregá-lhe uma coluna em **O Jornal**, em 1947. Nela — e mais tarde em diversos jornais e revistas do país — assumiu sempre uma posição de defesa da música popular brasileira autêntica (a mesma posição que mantinha em relação ao jazz puro de Nova Orleans, segundo ele morto e enterrado a partir do momento em que os brancos, já nos anos 30, passaram a deturpar a música original dos negros). Nisso, foi uma voz quase solitária até fins dos anos 50, mas ativa o bastante para redescobrir nomes como os de **Pixinguinha**, **Cartola**, **Nelson Cavaquinho**, **Ismael Silva**, sambistas e chorões autênticos, muitos dos quais já se supunham mortos. Por iniciativa sua, realizaram-se os famosos **Festivais da Velha Guarda**, em 1954.

Cantores e compositores que há anos não gravavam voltaram aos estúdios. **Ataulfo Alves** e suas **Pastoras**, quase esquecidos, ganharam shows em boate. **Moreira da Silva** e o samba de breque, considerados menores pelas elites musicais, tornavam-se objeto de estudos de musicólogos e filólogos. Sua **Revista da Música Popular**, lançada em 1955, durou apenas 14 números. Mas neles colaboraram **Manuel Bandeira**, **Marisa Lyra**, **Rubem Braga**, **Cruz Cordeiro**, **Basílio Itiberê**, **Guerra Peixe**, **Ary Barroso**, **Almirante**, **Sérgio Porto**, sobrinho e amigo com quem Lúcio se identificava, entre outras coisas, na paixão pela música popular brasileira e pelo jazz. Em 1954, escreveu um antológico artigo em **Manchete** no qual contava as experiências que tinha vivido na música: conheceu **Sinhô** e **Noel**, **Paulo da Portela** e **Cartola** (então um nome quase lenda, só conhecido pelo próprio **Lúcio Rangel**). Admirador e amigo, também, de **Louis Armstrong**, situava o trompetista americano ao lado de **Pixinguinha** como os dois maiores gênios que a música popular tinha produzido em todos os tempos. Desde que passou a assinar a coluna em **O Jornal**, suas atividades literárias ficaram em segundo plano, embora continuasse a colecionar livros (possuía, inclusive, uma primeira edição de **Diderot**). Incansável defensor da música brasileira autêntica — e consequentemente um opositor das tendências inspiradas em modelos estrangeiros — acabaria tendo, involuntariamente, importante participação na origem da bossa nova: foi por seu intermédio que **Tom**

e **Vinicius** fizeram-se parceiros, em 1956, nas músicas de **Orfeu da Conceição**.

Da nova geração de compositores, destacava poucos nomes: **Elton Medeiros**, **Paulinho da Viola**, **Chico Buarque de Holanda**. A boêmia, nunca abandonou. Apaixonado também por futebol, torcia pelo Botafogo "e pela Seleção em que jogavam **Garrincha** e **Nilton Santos**"; durante as comemorações da conquista da **Copa do Mundo** de 1958, num bar do Rio, ao ver um amigo matar uma mosca, protestou: "Não faça isso, ela também é campeã do mundo". Definido por **Manuel Bandeira** como "o maior dos bons papos" e pelos amigos como um mestre na arte de fazer amigos, sempre se dedicou às outras artes como "espectador privilegiado" (o máximo que fazia era tocar um imaginário trombone de vara, imitando com a boca as improvisações de **Kid Ory** e outros mestres do instrumento). Essa posição de espectador levou **Fernando Sabino** a observar: "A quem quer que exerça com dignidade o seu ofício de artista, este homem sensível e perceptivo abre o seu coração: são todos seus amigos... **Lúcio Rangel** soube escolher a melhor parte". Pai de **Maria Lúcia Rangel**, repórter do **JORNAL DO BRASIL**.

Noemie Alonso, 84, na Rua São Miguel, Francesa, viúva de **Frederico Alonso**, tinha duas filhas: **Charlotte Teixeira Brandão** e **Joanne Alonso**, uma neta e dois bisnetos, morava em Ipanema. Embolia pulmonar. Será sepultada às 12h no Cemitério São João Batista.

Fernando Prado Correia, 70, comerciante (ex-proprietário da Farmácia Santa Alice, em Copacabana), no Hospital de Ipanema. Nascido no Rio de Janeiro, solteiro, morava no Leblon. Enfarte. Será sepultado às 9h no Cemitério São João Batista.

Naiva Barcelos de Moura, 73, na sua residência na Urca, Carioca, casada com **Antônio Mendes de Souza**. Insuficiência coronariana. Será sepultada às 10h no Cemitério São João Batista.

Walter Bezerra dos Santos, 50, motorista profissional, no Hospital São Francisco de Paula, Carioca, casado com **Hilda Braga dos Santos**, tinha duas filhas: **Sylvia** e **Maria Cristina**, morava em São Cristóvão. Edema pulmonar. Será sepultado às 11h no Cemitério São Francisco Xavier.

Vicente Moreira, 64, industrial (ex-funcionário da **KLH Carrocerias Ltda**), na sua residência na Ilha do Governador, Mineiro, casado com **Zulmira Gouveia Moreira**. Derrame cerebral. Será sepultado às 10h no Cemitério de Cacuia.

Fernando Chaves de Castro, 80, proprietário de imóveis, na sua residência em **Jacarepaguá**. Era viúvo de **Maria de Lourdes Rodrigues de Castro**. Parada cardíaca. Será sepultado às 9h no Cemitério Jardim da Saudade.

Rosana Cardoso de Carvalho, 68, na sua residência em **Madureira**, Carioca, viúva de **Clodoaldo Carvalho**, tinha um filho: **Paulo Cesar Cardoso**, além de dois netos: **Maurício** e **Marcelo**. Insuficiência cardiorrespiratória. Será sepultada às 11h no Cemitério Jardim da Saudade.

Janete Silva de Souza, 48, no Hospital de Bonsucesso, Carioca, desquitada, tinha uma filha (**Gilmara**), morava em **Higienópolis**. Neoplasia. Será sepultada às 10h no Cemitério de Inhaúma.

Estados

Marieta Cardoso Rocha, 89, em **Belo Horizonte**. Mineira de **São José de Além Paraíba**, participou das obras sociais da igreja do Carmo, em **Belo Horizonte**, que ajudou a construir. Viúva de **Luiz do Carmo Rocha**, tinha 11 filhos: **Manoel**, **Mário**, **Marina**, **Margarida**, **Maurita**, **Márcia**, **Ungelina**, **Mary**, **Maria José**, **Teresinha** e **Mercedes**. Tinha ainda 37 netos e 57 bisnetos.

José Guy Munhoz da Rocha, 47, cartorário e aviador, em **Curitiba**. Casado com **Liliane Bitencourt Munhoz da Rocha**, tinha quatro filhos: **Leonardo**, **Rodrigo**, **Isabela** e **Guilherme**. Era primo do ex-Governador **Bento Munhoz da Rocha**.

Salvador Francisco Basile, 60, em **Curitiba**. Representante no **Paraná das Indústrias Clork e Arteplata**, casado com **Jandira Basile**, tinha dois filhos: **Sandro** e **Humberto**. Enfarte.

Armando Victor Giacomet, 60, comerciante, no Hospital Nossa Senhora da Pompéia, em **Caxias do Sul**, **Rio Grande do Sul**. Nascido em **Farroupilha**, foi fundador da **Madeiraira Giacot**, em 1952, e da **Giacomet Termo-Metalúrgica**, em 1968. Casado com **Justina Angelica Pitt Giacomet**, tinha quatro filhos: o engenheiro **Thiago Pedro**, o dentista **Luiz Carlos**, o economista **Antonio Tadeu** e **Armando Jose**, além de cinco netos. Enfarte. **Gustavo Adolfo Martins Costa**, 55, no Hospital **Moinhos de Vento**, em **Porto Alegre**, onde nasceu. Era superintendente da **Companhia Estadual de Energia Elétrica** e foi diretor da **Companhia Metropolitana de Construções**, no Rio de Janeiro. Casado com **Maria Helena Martins Costa**, tinha três filhos: a economista **Silvia Helena**, o engenheiro **Paulo** e a médica **Ana Lucia**, além de dois netos. Câncer.

Vincenzo Marranghelo, 80, na sua residência em **Porto Alegre**. Italiano de **Morano Calabria**, veio para o Brasil com 24 anos fixando-se na **Capital gaúcha**, onde era comerciante. Combatente da **I Guerra Mundial**, foi agraciado com o título de **Cavaleiro da Ordem de Vittorio Veneto**. Casado com **Grazzia Caporale Moranghelo**, tinha dois filhos, quatro netos e sete bisnetos. Câncer. **Zachia Abras**, 64, na **Clinica Santa Lúcia**, em **Brasília**. Nascida em **Araçá**, **Minas**, era casada com **Edson Contente Barra**.

Exterior

John Hall, 66, ator, na sua casa suburbana de **North Hollywood**. Nascido em **Fresno**, **Califórnia**, passou a juventude em **Tahiti**. Atuou na versão original do filme **O Furacão** em 1937. Tiro, aparentemente disparado por seu irmão, de nome não revelado, ou suicídio.

Vinicius de Moraes

Morre o crítico de música Lúcio Rangel, aos 65 anos

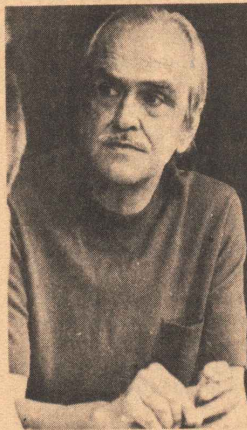
Morreu ontem, no seu apartamento em Ipanema, o crítico de música popular Lúcio Rangel, aos 65 anos. Ele estava só no apartamento — à Rua Nascimento Silva 60 — 301 —, quando o irmão, George André do Nascimento Rangel, foi visitá-lo à tarde e o encontrou morto, caído junto à porta, com o telefone na mão. George disse que não tinha idéia da causa da morte. O legista que fez o primeiro exame, superficial, presume que tenha sido derrame. O corpo de Lúcio Rangel está sendo velado no Museu da Imagem e do Som e será sepultado hoje no Cemitério de São João Batista.

Jornalista, advogado, estudioso de literatura francesa, além de crítico de música popular brasileira e especialista em jazz, Lúcio Rangel nasceu em 1914, na Tijuca, mas, segundo amigos, "ninguém era mais ipanemense que ele".

Neto de Nascimento e Silva, Lúcio resolveu estudar Direito em 1930 na Faculdade do Cateite, onde foi colega de Vinícius de Moraes, Jorge Amado, Guilherme de Figueiredo e Murilo Miranda, entre outros.

O jornalismo para ele começou em 1936, quando, estúdio da literatura portuguesa e brasileira e ainda cursando o último ano de Direito, aceitou o convite de Murilo Miranda para secretariar a "Revista Acadêmica", da qual seriam colaboradores Lazar Segall, Portinari e Jorge de Lima. Não quis ser mais advogado.

Pouco tempo depois, Lúcio foi para a revista "Sombra".



Lúcio Rangel

A princípio redator e depois "pau-para-toda-obra", ele conheceu lá Manuel Bandeira, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Santa Rosa. No meio literário, a marca do Bar Amarelinho, Vermelhinho, Villarino, Pardelas, todos frequentados pela roda de amigos, já engrossada por gente da música popular: Fernando Lobo, Pixinguinha, Dolores Duram, Ary Barroso, Haroldo Barbosa, Elizeth Cardoso, Te Rezinha Austregésilo.

Membro da "Société des Amis de Marcel Proust", Lúcio Rangel trabalhou também no jornalismo carioca através do suplemento literário do "Jornal do Comércio", fez uma coluna de registros bi-

biográficos em "Última Hora", depois foi para o "Diário Carioca" como redator, paginador e colunista.

A MÚSICA

Começou a escrever sobre música popular brasileira quase na década de 50, no suplemento literário do "O Jornal", onde Vinícius de Moraes e depois Carlos Lacerda mantinham uma coluna de jazz.

Segundo os amigos, a repercussão da nova coluna não foi boa, porque samba era "coisa de crioulo", diziam na época. Lúcio Rangel não desistiu e editou, entre 1954 e 56, a "Revista da Música Popular", em que os colaboradores nada recebiam pelos artigos.

Interessou-se pelo jazz com a descoberta de Louis Armstrong no filme *Pennies from Heaven*. Em sua casa, hoje, há mais de 300 livros sobre jazz, além de uma discoteca das maiores.

Lúcio Rangel foi o lançador de Nelson Cavaquinho, Zé Keti, Cartola. Falava de Pixinguinha quando a música popular era assunto menor da sociedade — lembram seus companheiros. Da geração mais próxima, sua coluna foi responsável pelo lançamento oficial de Edu Lobo, Elis Regina e outros. De 1974 para cá, ele destacava três nomes na música brasileira: Elton Medeiros, Paulinho da Viola e Chico Buarque.

Atualmente, escrevia para a Rádio MEC e colaborava para várias publicações de música popular.

14 / 12 / 79

Morre o crítico de música Lúcio Rangel, aos 65 anos

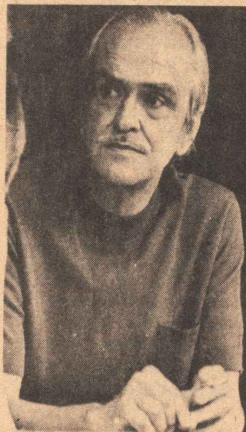
Morreu ontem, no seu apartamento em Ipanema, o crítico de música popular Lúcio Rangel, aos 65 anos. Ele estava só no apartamento — à Rua Nascimento Silva 60 — 301 —, quando o irmão, George André do Nascimento Rangel, foi visitá-lo à tarde e o encontrou morto, caído junto à porta, com o telefone na mão. George disse que não tinha idéia da causa da morte. O legista que fez o primeiro exame, superficial, presume que tenha sido derrame. O corpo de Lúcio Rangel está sendo velado no Museu da Imagem e do Som e será sepultado hoje no Cemitério de São João Batista.

Jornalista, advogado, estudioso de literatura francesa, além de crítico de música popular brasileira e especialista em jazz, Lúcio Rangel nasceu em 1914, na Tijuca, mas, segundo amigos, "ninguém era mais ipanemense que ele".

Neto de Nascimento e Silva, Lúcio resolveu estudar Direito em 1930 na Faculdade do Cateite, onde foi colega de Vinicius de Moraes, Jorge Amado, Guilherme de Figueiredo e Murilo Miranda, entre outros.

O jornalismo para ele começou em 1936, quando, estudioso da literatura portuguesa e brasileira e ainda cursando o último ano de Direito, aceitou o convite de Murilo Miranda para secretariar a "Revista Acadêmica", da qual seriam colaboradores Lazar Segall, Portinari e Jorge de Lima. Não quis ser mais advogado.

Pouco tempo depois, Lúcio foi para a revista "Sombra".



Lúcio Rangel

A princípio redator e depois "pau-para-toda-obra", ele conheceu lá Manuel Bandeira, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Santa Rosa. No meio literário, a marca do Bar Amarelinho, Vermelhinho, Villarino, Pardelas, todos frequentados pela roda de amigos, já engrossada por gente da música popular: Fernando Lobo, Pixinguinha, Dolores Duram, Ary Barroso, Haroldo Barbosa, Elizeth Cardoso, Terezinha Austregésilo.

Membro da "Société des Amis de Marcel Proust", Lúcio Rangel trabalhou também no jornalismo carioca através do suplemento literário do "Jornal do Comércio", fez uma coluna de registros bi-

biográficos em "Última Hora", depois foi para o "Diário Carioca" como redator, paginador e colunista.

A MÚSICA

Começou a escrever sobre música popular brasileira quase na década de 50, no suplemento literário do "O Jornal", onde Vinicius de Moraes e depois Carlos Lacerda mantinham uma coluna de jazz.

Segundo os amigos, a repercussão da nova coluna não foi boa, porque samba era "coisa de crioulo", diziam na época. Lúcio Rangel não desistiu e editou, entre 1954 e 56, a "Revista da Música Popular", em que os colaboradores nada recebiam pelos artigos.

Interessou-se pelo jazz com a descoberta de Louis Armstrong no filme *Pennies from Heaven*. Em sua casa, hoje, há mais de 300 livros sobre jazz, além de uma discoteca das maiores.

Lúcio Rangel foi o lançador de Nelson Cavaquinho, Zé Keti, Cartola. Falava de Pixinguinha quando a música popular era assunto menor da sociedade — lembram seus companheiros. Da geração mais próxima, sua coluna foi responsável pelo lançamento oficial de Edu Lobo, Elis Regina e outros. De 1974 para cá, ele destacava três nomes na música brasileira: Elton Medeiros, Paulinho da Viola e Chico Buarque.

Atualmente, escrevia para a Rádio MEC e colaborava para várias publicações de música popular.

ROTEIRO SOCIAL

Ivan Monteiro

Privilégio

Com mesas repletas de rosas brancas e um menu irrepreensível, com toque inglês, a consulesa Carolina Egerton, da Grã-Bretanha, em almoço anteontem, apresentou à sociedade carioca a nova embaixatriz Margaret Holl, recém-chegada ao Brasil.

No encontro "only for women", anotamos: D. Zoé Chagas Freitas, Glorinha Sued, Lygia Lowndes, Vilma Guimarães Rosa, Olga Lima Cavalcanti, Duhília Madeira, Maria Tereza Laudo Camargo, Regina Simons Lopes, embaixatriz Amneris Pontes de Miranda, Angelina Araújo, entre outras.

Um dos temas mais discutidos no almoço foi a onda de crimes e assaltos que assola o País. Um assunto pouco agradável a quem está chegando agora ao Brasil.

Uma das patronesses presentes, na tentativa de animar miss Margaret, que já estava um pouco apavorada, disse nunca ter sido assaltada, nem mesmo por empregadas. Um privilégio de poucas pessoas, no Rio.



Importador de penas

Os casais Llewellyn Crewe Brown (Cônsul da África do Sul), Amadeu Guerra (da Secretaria de Turismo do Rio), Benjamin Hadad e João Ribeiro Dantas formavam grande mesa anteontem no jantar do Concorde, onde as atenções voltavam-se para Isadore Barron, o maior criador de pavões do continente sul-africano.

Mr. Barron é o responsável direto, se não de todas, pelo menos de grande parte das penas de pavão usadas nas confecções das fantasias de carnaval, exibidas durante quatro dias de folias em todo o Brasil.



Álcool Maravilha

O táxi movido a álcool que já a algum tempo estava em teste no trânsito carioca, aprovou plenamente. Segundo seu motorista Waldemar, o consumo foi de 7 km por litro com excelente desempenho do motor. Vale dizer que a economia é de 40% em relação aos táxis a gasolina.

Só falta instalar maior número de bombas de álcool nos postos do Rio, assunto este que já conta com parecer positivo do ministro Camilo Penna.



Não será surpresa para esta coluna se até o finalzinho deste ano a gasolina passe de 22,60 para mais de 30 cruzeiros o litro.

Se considerarmos esses gradativos aumentos no preço desse já precioso líquido, possivelmente veremos até o final do próximo ano a gasolina ao preço de 200 cruzeiros o litro, ou mais. Ai, nessas alturas, muita gente trocará o litro de whisky pelo litro da gasosa, nos presentes de Natal. Quem viver verá.



Paulo Ouvirio e Andréa (pai e filha) nos salões do Rio Palace

Mais uma atração dos carnavais passados será revivida pela Riotur na folia de Momo de 1980. Trata-se do concurso de coretos ornamentados artisticamente e instalados nos bairros através de iniciativa popular e que, durante os dias de carnaval serão observados por uma comissão designada pela Riotur, com o objetivo de classificá-los dentro dos critérios de Arte e Originalidade para a outorga de prêmios em dinheiro.

O acontecimento fará lembrar os carnavais das décadas de 30 e 40, quando Madureira, Campinho, Bangu, Bento Ribeiro, Penha, Bonsucesso e outros bairros dos subúrbios cariocas, através iniciativa do comércio e moradores daqueles bairros, montavam originais e belos coretos para a folia de Momo.

Para a Riotur, a volta dos coretos artísticos dos bairros é mais um motivo para que o povo faça espontaneamente o carnaval dentro dos seus próprios bairros, possibilitando a muitas famílias a participar do carnaval sem ter que se deslocar para o centro da cidade, enfrentando certos problemas de locomoção.

A Riotur adianta que 100 mil cruzeiros, em dinheiro, serão distribuídos para os coretos classificados como os mais originais e artísticos, na seguinte ordem: 1º lugar, Cr\$ 50.000,00; 2º lugar, Cr\$ 20.000,00; 3º lugar, Cr\$ 15.000,00; e 4º lugar, Cr\$ 5.000,00.

Fiscalização insalubre

A campanha que a Secretaria de Saúde está realizando nos restaurantes do Rio vem merecendo a simpatia não só dos consumidores cariocas, beneficiados com a melhoria nos serviços, como da Prefeitura do Município, que com a arrecadação das multas vem abarrotando seus cofres.

E por falar nisso, bem que Israel Klabin poderia destinar parte destas somas à melhoria da aparência de seus fiscais que, maltrapilhos e até com dentes estragados, podem vir a tornar-se causa de multa, só pela sua presença aos bandos (como o exército de brancaliones), nas cozinhas dos estabelecimentos da Zona Sul.

MOVIMENTO

- A João Fortes Engenharia assinou contrato anteontem para construir a sede do Bradesco, em Brasília. Trata-se do maior prédio bancário a ser erguido na Novacap.

- Ao som do piano do maestro Fernando Gallo, foi inaugurado na noite de quinta-feira o Nino, no Shopping Barrameres. Repleto de convidados especiais e de vários moradores da área, o novo Nino promete ser um ponto gastronômico de expressão no coração da Barra.

- Arnaud Mesquita, que se desligou do grupo Mário, 706, Cantina 102 e Mikonos recentemente, deu um giro na madrugada de ontem, revendo velhos amigos da noite carioca. Arnaud promete iniciar 80 com grandes novidades.

- Hoje, o arquiteto Oscar Niemeyer troca de idade. Setenta e um anos de sucesso e obras de grande porte.

- Terça-feira, na Galeria Divulgação e Pesquisa, às 20 horas, lançamento do livro "O Homem da Lagoa Santa", de Roberto de Athayde, filho do acadêmico Austregesilo de Athayde.

- Só depois do carnaval. Gracinha Salles, além de sua vida social agitada, encontra-se bastante ocupada com a construção de sua nova mansão na Gávea. A inauguração vai acontecer depois das folias do Momo, com jantar e muita champã.

- No jantar baiano do Chalé Brasileiro, anteontem, anotamos os médicos Villela Pedras e Francisco Miranda, em mesa que incluía o jornalista Rubens Monteiro e o empresário Delfino Giovenale.

- Hoje é o dia "D" de Vanja Melo e Georgios Alexandre ou, às 18 horas na Igreja Santo André.

- E na terça-feira, às 19 horas, na Igreja Cristã de Ipanema, casam-se Úrsula e Ronny Willen. Após a cerimônia, recepção na Sociedade Hípica Brasileira.

- Olga Savary lança segunda-feira na Petit Galerie o livro "Alta onda", com prefácio de Jorge Amado, ilustrações de Calasans Neto e edição da Macunãma



Ledusha Prado e Martins Molinari no Chiko's Bar. Ele divide com Vinicius de Moraes a direção do Cirrose Bar, em Ipanema

Vinicius de Moraes

Crônica

Lúcio Rangel

L.M.

Na Lapa do Rio de Janeiro, na década de 30, como em Paris ao tempo de Luiz XIII, os três mosqueteiros eram quatro: Murilo Miranda, Lúcio Rangel, Moacyr Werneck de Castro e Dante Vigianni. As vezes, a eles se juntavam Carlos Lacerda e Rubem Braga; outras — ou concomitantemente — eu próprio. Mas os quatro eram inseparáveis. Não sei quem seria o D'Artagnan do grupo. Se fomos julgar em termos de boêmia, o espadachim-mor, porque mais adoidado, só poderia ser o Lúcio. Moacyr já escrevia crônicas primorosas; Murilo dirigia a "Revista Acadêmica"; Dante treinava, como futuro sucessor do pai, para grande empresário teatral. Lúcio do Nascimento Rangel, carioca e bacharel como os demais, preocupava-se apenas em viver — o que, levando-se em consideração a época e o local dessa aventura fascinante, significava erigir com pratos de chopes, em cada bar, uma oscilante torre de Pisa, que só desmoronava, pela mão impaciente do garçon ou da garçonete, alta e já fosforescente madrugada.

Tinha pela Literatura um tão grande, quase supersticioso respeito, que não ousava escrever. Lia muito: da praia da casa, Mário de Andrade era o seu ídolo. Dos franceses, Marcel Proust e parece que mais tarde, Paul Léautaud. Sobre "jazz" e música popular brasileira, conhecia tudo.

Quando, afinal, vencendo a timidez, resolveu escrever para os jornais — e viu, com surpresa, que escrevia bem — revelou ao público uma coisa que os seus amigos já sabiam: em matéria de sambistas e chorões, Lúcio Rangel era um mestre. E mestre foi considerado até o fim. Isto, entretanto, não o envidenciava: o seu maior orgulho era ser tio de Sérgio Porto, o famoso e pranteado Stanislaw Ponte-Preta.

Lúcio Rangel... Mais um amigo da mocidade que se vai.

Última homenagem ao amigo boêmio

Foi sepultado, ontem, no Rio, no Cemitério São João Batista, o jornalista e crítico de música popular, Lúcio Rangel, que morreu na véspera, em consequência de enfarte e endemia pulmonar. Cerca de 100 pessoas foram ao enterro, entre as quais Guilherme de Figueiredo, com quem Lúcio e Mário de Andrade se reuniam na década de 40, no tradicional bairro da Lapa — a chamada "boemia esclarecida", — além de Augusto Rodrigues, Fernando Sabino, Armando Nogueira e nomes ligados à música popular.

Lições de Casa

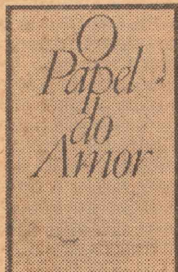


"Lições de Casa — Exercícios de Imaginação". Vários autores. Coordenação de Julieta de Godoy Ladeira. Editora Cultura, 127 páginas.

As lições de casa

É difícil quem não tenha, pelo menos uma vez na vida, descrito na forma de uma redação um quadro ou gravura, apresentado pela professora à frente da classe. E foi a partir de recordações destas experiências que Osman Lins e Julieta de Godoy Ladeira partiram para a elaboração destas "Lições de Casa". Mas, como alerta a escritora, ele "saiu da classe antes dos outros", e a história escrita por Osman foi dedicada a uma garota, que lhe propôs a mesma experiência — descrever um quadro — pouco tempo antes de sua morte.

Agora, as lições de casa são novamente recordadas, na literatura de Affonso Romano de Sant'Anna, Antonio Callado, Ferreira Gullat, José J. Veiga, Lygia Fagundes Telles, Mariana Colasanti, Ricardo Ramos, mais Osman e Julieta.



"O Papel do Amor" — Antologia de contos de vários autores. Organizados e selecionados por Edla Van Steen. Editora Nova Fronteira, 192 pgs.

O amor e seu papel

O amor é o tema desta antologia que reúne, entre outros, contos de Ary Quintella, Autran Dourado, Moacyr Scliar, Rubem Fonseca e Nélida Piñon. E Edla Van Steen, organizadora da antologia, justifica a idéia, o tema central: "Por que, entre tantos assuntos, logo este, aparentemente em falta no mercado? Em primeiro lugar por isso mesmo (a falta dele); depois, porque dos sentimentos do homem, e no caso o homem brasileiro, o amor é o que carrega nossa carga maior, precisamente a de humanidade e esperança".

Fábio Lucas, o responsável pela introdução do volume, ressalta que não há, na coletânea, "nenhum experimentalismo desnorteante, nenhuma jogada de efeito publicitário. Nenhum autor desce à via de um erotismo comercializável."

OS CADERNOS DE MALTE LAURIDS BRIGGE



"Os cadernos de Malte Laurids Brigge" — Rainer Maria Rilke. Editora Nova Fronteira, Coleção Grandes Romances, 148 páginas, Cr\$ 150,00.

Rilke, agora a prosa

Conhecido no Brasil por causa de sua poesia, Rainer Maria Rilke, escritor nascido em Praga em 1875 e morto em 1926 em um sanatório suíço, deixou também inúmeras obras em prosa, das quais o leitor brasileiro só conhecia "Cartas a um jovem Poeta", traduzida por Paulo Rónai.

"Os Cadernos de Malte Laurids Brigge", escrita entre 1904 e 1910, em meio a dificuldades materiais e problemas diversos, que terminaram por conduzir Rilke a um período de esterilidade criativa, é outro de seus trabalhos em prosa, agora em tradução da poeta e romancista gaúcha Lya Luft.

Dede Rilke disse, em carta de 1911 a uma amiga: "As pessoas escrevem sobre Malte. Este livro difícil... Essa me parecia uma tarefa tão dura e tão definitiva que com ela pensava abrange todas as demais".



O operário em construção e outros poemas — Vinícius de Moraes, Editora Nova Fronteira, Coleção Poiesis, 116 páginas, Cr\$ 120,00.

Vinícius, 43 poemas

"Soneto da Véspera", "Balada das Meninas de Bicicleta", "Soneto da Separação", "A que há de vir", "A uma Mulher", "Poema dos Olhos da Amada" e "A Brusca Poesia da Mulher amada" são alguns, junto com os tão conhecidos e musicados "Garota de Ipanema", "Se Todos Fossem Iguais a Você" e "Marcha da Quarta-Feira de Cinzas", dos quarenta e três poemas desta coletânea lançada pela Nova Fronteira.

O livro é introduzido por um prefácio de Sérgio Buarque de Holanda — sob o sugestivo título de "Vinícius, o Bem-amado" — que recorda a trajetória do poeta: "Contentei-me em contar aqui — diz Sérgio — um punhado de lembranças daquele que consegue sentir, e compor, e cantar e viver uma poesia das mais altas desta terra e deste tempo."

Paixões: Proust e samba de morro

TÁRIK DE SOUZA

Lúcio Rangel era do tempo da "boemia eselarecida", como ele costumava classificar. Sentava-se num bar para discutir Marcel Proust, honrando seu título na *Société des Amis de Marcel Proust*. Os palcos podiam ser os mais variados: o Vermelhinho e o Amarelinho, na Cinelândia, o Vilarino, um pouco mais adiante, no Castelo, ou o corredor de botecos da Lapa, onde nunca faltava um tampo de mármore para Rangel. Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Portinari, Jorge Amado e Rubem Braga apoiaram os cotovelos.

Bacharel por falta de opção, o carioca Lúcio Rangel, nascido na Tijuca em 1914, mas umbilicalmente ligado a Ipanema (morreu na rua Nascimento Silva, nome de seu avô, engenheiro e diretor de obras da prefeitura), poderia ter sido um elitista. Além da família tradicional, inclinava-se pelo estudo de literatura francesa, enquanto na música popular admirava desbragadamente os jazzistas. Frustrado pelo pai na vocação de saxofonista, é possível que aquela geração tenha perdido um Paulo Moura ou um Vítor Assis Brasil.

No entanto, nem o fato de trabalhar como secretário da sisuda *Revista Acadêmica*, levado pelo poeta Murilo Mendes, desviou Lúcio Rangel de sua trajetória de desbravador das artes marginalizadas e proletárias. Na revista, conheceu Mário de Andrade e saiu com ele pelo país fazendo conferências sobre literatura e música. Seus temas estavam mais para a mesa de bar que para biblioteca: foi Lúcio o descobridor dos sambistas de morro Paulo da Portela, Cartola, Nelson Cavaquinho, Ismael Silva, Heitor dos Prazeres, João da Baiana, Donga. Em seu precioso livrinho *Sambistas e Chorões*, editado na década de 60, Lúcio escanca-

rava páginas e páginas ao que considerava o maior músico brasileiro de todos os tempos — pixinguinha. Mesmo em plano internacional só conseguia compará-lo a outro titã, Louis Armstrong. E não deixava de homenagear Mário de Andrade, pelos estudos fundadores a respeito do samba carioca.

Depois de esquentar a cadeira de inúmeras redações das efêmeras publicações que chegavam às bancas entre as décadas de 30 e 40, Lúcio fundou sua própria revista de música popular, em 55. Ela não fugiria à regra: teve apenas dezessete números de vida — mas ajudou a cristalizar uma primeira geração de críticos musicais, adestrados no convívio com uma era de produção brasileira farta, depois da primeira avalanche estrangeira, remetida pelos aliados na 2ª Grande Guerra. Estavam esquecidas algumas figuras memoráveis do samba e, com a ajuda de outro ferrenho combatente da mesma causa tradicionalista, o sobrinho Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, Rangel reciclou a antiga geração. Através dos festivais da velha guarda, colocou de novo no primeiro plano de Ataulfo Alves ao pioneiro Donga. A despeito de sua admiração pelo jazz, era radicalmente contra a influência estrangeira. Numa de suas últimas atuações públicas, como jurado de duas edições do festival de choro da TV Bandeirantes (77 e 78), Rangel manifestava-se sempre contra qualquer modificação instrumental do gênero. Entre os compositores contemporâneos, não ia além de Chico Buarque e Paulinho da Viola. Dono de uma respeitável discoteca e bibliografia armazenadas em seu pequeno apartamento, Lúcio Rangel acumulava as funções de pesquisador e personagem de uma grandiosa história da música popular brasileira, que ele morreu sem escrever.

M
87

16, 12, 49

Vinicius de Moraes

A BRIGA DO SÉCULO

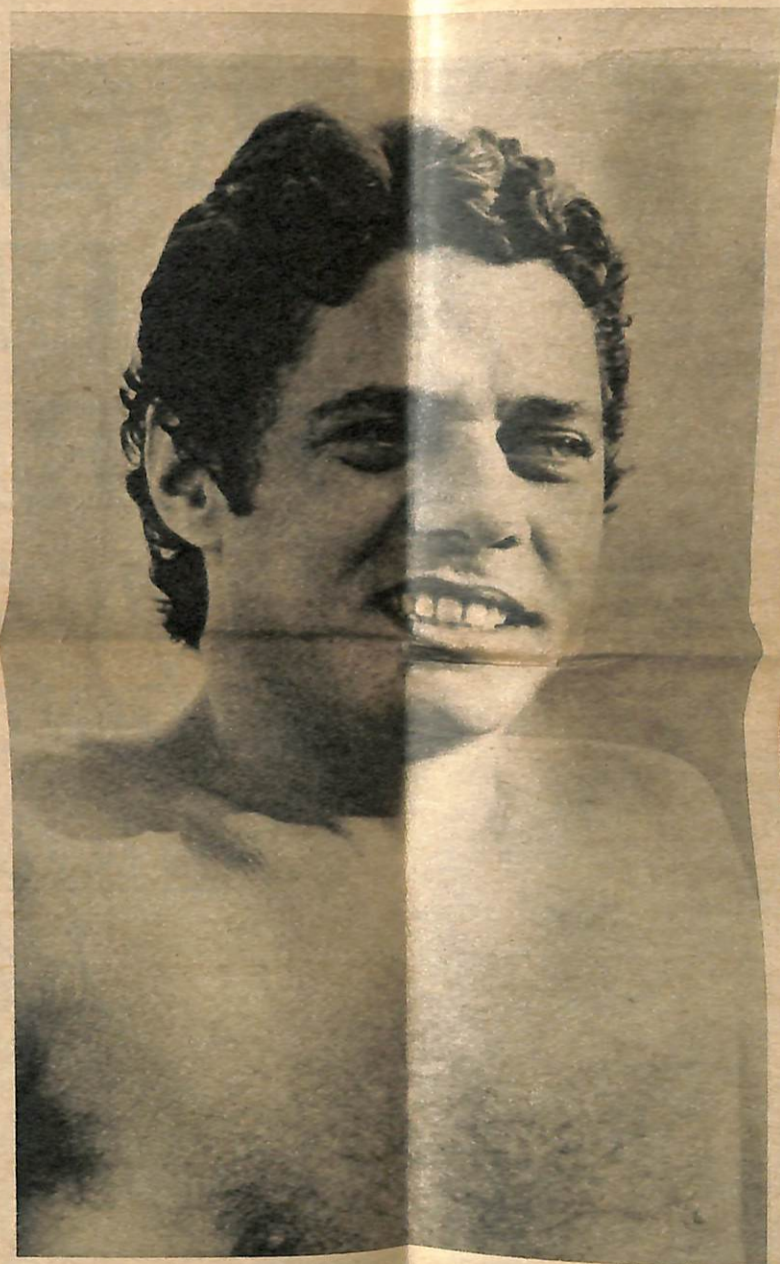
Música popular brasileira contra Frank Sinatra!

“A maioria dos artistas que compõem a nata da música popular brasileira está disposta a fazer um show no Maracanzinho, cobrando 50 cruzeiros, na mesma data em que Frank Sinatra estiver se apresentando no Maracanã, ao preço de 200 cruzeiros por cabeça. A renda iria para a Associação Brasileira de Imprensa e para o Sindicato dos Músicos. E o povo poderia optar: ou daria preferência ao americano, pagando pelo ingresso o preço de 10 litros de gasolina e 2 quilos de carne, ou teria a oportunidade de assistir à apresentação de cantores e compositores como Chico Buarque de Holanda, Vinicius de Moraes, Maria Bethania, Gal Costa, Caetano Veloso, Luís Gonzaga Júnior, João Nogueira e outros mais, por 1 quarto desse preço.”

A informação sai da boca de Maurício Tapajós, membro atuante do Sindicato dos Músicos do Rio de Janeiro e compositor de diversas músicas de sucesso, como “Tô Voltando”; “Querelas do Brasil”; “Mudando de Conversa” e uma em que ele diz que já foi estudante, arquiteto, e agora se orgulha de “ser vagabundo”. Maurício já começou a gravar um disco, de produção independente, junto com Paulinho Pinheiro, que será lançado até o fim deste ano. Na entrevista, ele preferiu falar de uma coisa que considera o maior problema do músico no Brasil: “O profissional da música neste país é visto como vagabundo e é tão explorado que aceita contrato sem carteira assinada, embora seja regido pela CLT e nem saiba disso.”

“A situação dos 200 mil profissionais que estão inscritos na Ordem Nacional dos Músicos é a pior possível. Noventa por cento desse pessoal estão desempregados, e a metade não tem consciência de classe. Isso é culpa da própria Ordem, que é um órgão ditatorial e caduco, e dos próprios músicos, que cresceram com a mentalidade de que para ser músico só é preciso pagar a anuidade à Ordem.” Essa foi uma das conclusões que Maurício Tapajós e outros, como Ivan Lins, Beth Carvalho, Gonzaga Júnior, Guerra Peixe, Isaac Karabtchevsk e João Nogueira tiraram da série de debates que o Sindicato dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro promoveu no fim do mês passado. Além de objetivar a união da classe, a Semana do Músico fez parte das comemorações feitas pelo nascimento da Cooperativa Mista dos Músicos (Coomusa), que está sendo regularizada este mês, “depois de muita batalha contra a burocracia”, como revela Maurício.

“Tivemos que passar por uma

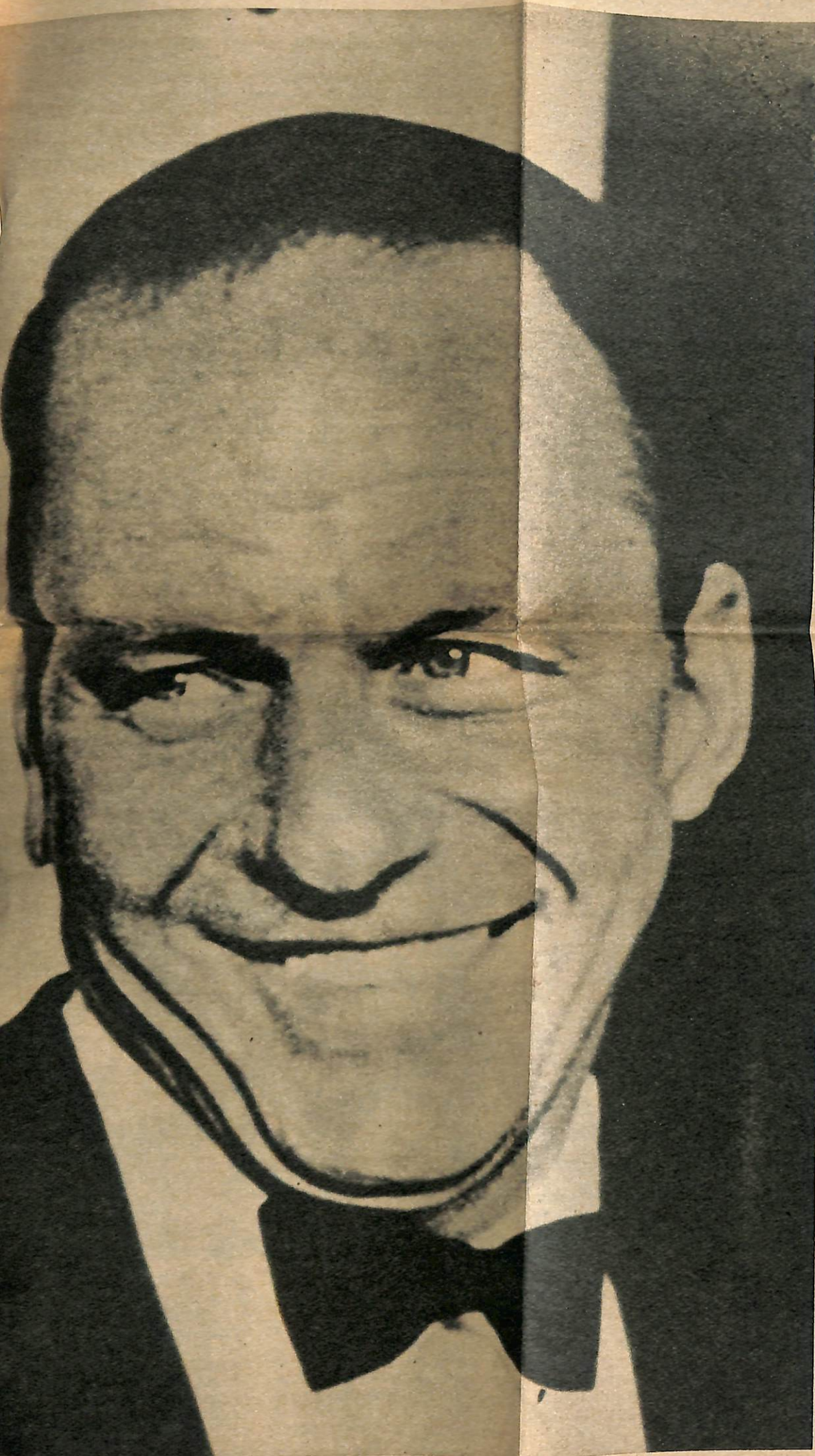


série de entraves absurdos. O maior deles é que dependeremos do INCRA, como todas as cooperativas que existem no Brasil. Foi mais de um ano de batalha de papel, carimbo, selo e estampilha, que finalmente vencemos. Isso sem contar aquelas fotocópias autenticadas, as segundas vias e todos os protocolos.”

A Coomusa vai vender a preço bem barato os instrumentos musicais, os livros e partituras, que geralmente são importados, aos que nela estiverem integrados. Depois, “quando resolver o problema das condições de trabalho do músico”, vai promover cursos e entrar na área previdenciária.

“Ainda estamos no bê-a-bá nas vitórias conseguidas até hoje. Para ter uma idéia de como o músico ainda está soletrando as reivindicações da classe, nós não temos nem piso salarial. Não





temos amparo legal. Só o Ministério da Educação e Cultura poderia dar uma força encaminhando um projeto substitutivo de lei, que estabeleça medidas de proteção ao músico, para o Congresso." Esse projeto, segundo Maurício, desapareceu em Brasília quando ele e outros compositores e cantores que participaram da comissão que elaborou o documento estiveram com o ex-Ministro Ney Braga, "que prometeu dar uma solução para o caso".

Interesses feridos

Para Maurício Tapajós, a causa do desaparecimento desse documento é reflexo dos "interesses que seriam feridos". Muitas gravadoras que só lançam música estrangeira teriam que lançar música brasileira no mercado de discos. As emissoras de rádio e tevê seriam obrigadas a tocar 60 por cento de música brasileira — e 10 por cento dessa parte de música instrumental — das 7 da manhã à zero hora. Isso também incluiria as trilhas sonoras de novelas. E qualquer estabelecimento de diversão, restaurantes, bares, boates, teria que dedicar 30 por cento do horário de seu funcionamento às apresentações de música ao vivo. E é aí que entra a conversa sobre a vinda de Frank Sinatra ao Brasil.

Adoramos Sinatra

"Em uma das cláusulas do projeto que os músicos vão encaminhar ao Ministro Eduardo Portella está a exigência de que, "quando o artista estrangeiro for o principal astro do espetáculo, ele deverá ser acompanhado por músicos brasileiros. Caso não concorde com isso, o local onde se realizar o show deverá contratar outros artistas brasileiros que façam apresentações paralelas antes ou depois da entrada do artista estrangeiro no palco".

— Então, se Frank Sinatra viesse ao Brasil já com este projeto aprovado, ele teria que cantar com orquestra composta por brasileiros ou se apresentar junto com músicos daqui?

— Claro, pois no projeto consta que quem infringisse as cláusulas teria o espetáculo suspenso, já que a multa sai muito barata para a infração de um empresário. Aliás, o empresário de Sinatra é o único que vai lucrar com a vinda dele ao Brasil. O imposto de renda que ele declara fica irreal diante do que ele lucra. E por isso que nós, a maioria dos músicos da MPB, estamos dispostos a fazer este espetáculo no Maracanazinho.

Adoramos Sinatra. Mas nunca invadiríamos o espaço dele, porque lá nos EUA as leis protegem o músico. O estrangeiro que vai se apresentar nos Estados Unidos tem que passar por uma série de exigências, enquanto o que vem para cá só precisa trazer o visto de turista.

Livros

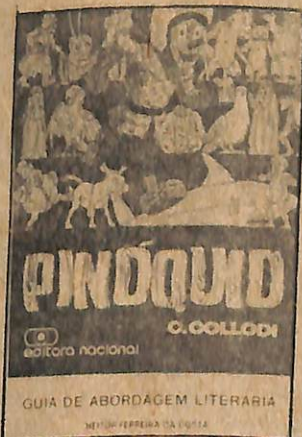
O melhor de
Lúcio Cardoso
em reedição



A republicação do romance "Crônica da Casa Assassinada", do mineiro Lúcio Cardoso (Nova Fronteira, 526 páginas), vale como uma espécie de primeira edição. Isto porque, são poucos os leitores das gerações mais novas que têm acesso a um ou outro exemplar do livro, esgotado há vários anos. Um dos melhores da moderna ficção brasileira, "Crônica", foi publicado pela primeira vez há exatamente 20 anos, recebendo os devidos elogios da crítica nem sempre capaz de reconhecer valores. Vale observar que a editora encontrou uma boa solução gráfica para um volume de 526 páginas, o que deve ter refletido no preço de 260 cruzeiros (mais ou menos 6 dólares). Com isto, a nova fronteira inicia a reedição de toda a obra do autor, falecido em 1968. — A.M.

Joffily com a
polêmica fora
da Universidade

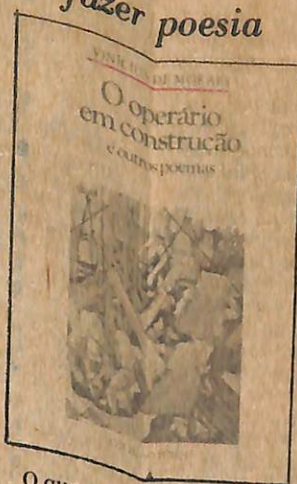
Pinóquio, ou
Frankenstein
da criança



Um dos elementos que mais atraem nos chamados clássicos infantis é mesmo a morbidez, o clima de terror mal-disfarçado. Veja-se a história da menina condenada a dormir até que o príncipe a desencante com um beijo necrófilo. Ou então, este "Pinóquio", do italiano C. Collodi, que sai pela Editora Nacional/ MEC, 127 páginas, numa tradução revista por Monteiro Lobato. E o caso do hediondo Gepeto que constrói um boneco vivo com um pedaço de madeira. Na verdade, cria uma espécie de Frankenstein de pau, um monstro pior que o Nosferatu, do Herzog. Aliás, seria interessante um estudo do ótimo romance de Mary Shelley "Frankenstein" com a novela de Collodi. O volume traz ilustrações (terroríficas num outro sentido), de Ademir Pontes. P.H.D.

Para quem não
quiser conhecer
nosso folclore

Mestre Vinícius
ensina como
fazer poesia



O que se quer de um poeta é que saiba e faça poesia, mais nada. Parece óbvio. Porém quando se lembra que a onda de teorização quase transformou a literatura nacional numa fabriqueta de fórmulas e engenhocas, a coisa muda de figura. Esqueceu-se que o poeta é capaz de levar o leitor a descobrir sentidos e vibrações, como todo artista, aliás. Isto vale tanto para um haikai como para um soneto. Tanto para Drummond como Luis Melodia.

Dai a alegria com que se lê pela primeira ou décima-primeira vez os poemas de Vinícius de Moraes reunidos em "O Operário em Construção" (Nova Fronteira, 112 páginas). No poema-título, uma sugestão de como o poeta pode ser um operário e vice-versa:

"Tudo, tudo o que existia/
Era ele quem o fazia/ Ele,
um humilde operário/ Um
operário que sabia/ Exercer
a profissão. /Ah, homens de
pensamento/ Não sabeis
nunca o quanto/ Aquele
humilde operário/ Soube
naquele momento!" — A.M.

Simenon-Maigret
numa aventura
em Montparnasse

Afinal chega ao Brasil um autor de ficção policial capaz de botar qualquer Agatha Christie da vida no chinelo e pisar em cima. E Simenon com seu "comissário Maigret" em mais uma aventura: "A Cabeça de Um Homem" (Nova Fronteira, 140 páginas). O romance se passa no bairro parisiense de Montparnasse, onde autor e personagem se sentem como peixes na água, entre boêmios, turistas deslumbrados e outros otários. Se fosse possível, a editora deveria publicar um "Simenon" por semana. Ler esse escritor belga é o mesmo que tomar uma cerveja geladinha numa tarde em que a temperatura esteja a 40 graus. — I.V.

Aurélio Buarque
também sabe
juntar palavras

Na Coleção Brasil Moço, da Livraria José Olympio em convênio com o Ministério da Educação e Cultura, sai uma antologia dedicada a Aurélio Buarque de Holanda, organizada por Paulo Rónai. Como o Aurélio se tornou mais conhecido por causa dos dicionários, muita gente deve pensar que ele só entende de palavras isoladas. Um engano.

Seu primeiro livro, por exemplo, publicado em 1942, foi de contos ("Dois Mundos"), com o qual recebeu o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. Tem vários volumes dedicados a estudos literários, traduções, poesias etc. — M.F.

Prestigie com sua presença o lançamento de

**"SERIA CÔMICO SE
NÃO FOSSE TRÁGICO"**

de FLÁVIO RANGEL

Amanhã, dia 17, a partir das 18:30h, na
LIVRARIA SICILIANO (Rua Dom José de
Barros, 323 — CENTRO — SÃO PAULO).

Um livro excelente para
presente de fim de ano

OS
ANOS
70

São Paulo, domingo, 16 de dezembro de 1979

FOLHETIM

n.º 152



SANTIAGO & Fortuna

12.
CINEMA

maior das
porno-chanchadas

Dizer que a década de 70 no cinema brasileiro foi a do reinado absoluto da porno-chanchada, contém doses iguais de verdade e de equívoco. Mesmo porque não se pode atirar na mesma vala comum da indigência cultural que contaminou todos os setores da vida brasileira, obras e cineastas que, independente do resultado obtido, buscaram formas de se manifestar sobre o seu tempo e a sua gente. Nesse esforço, muitos tombaram vítimas tanto da censura institucional quanto da censura econômica impostas, ambas, sob os olhares satisfeitos das grandes empresas estrangeiras que insistem em manter para si, e sob seu controle, nosso mercado. De resto, tudo muito semelhante ao que se verificou em todos os demais setores econômicos, em que a iniciativa brasileira foi preterida em favor dos interesses de fora. Mas não seria justo ignorar aqueles que buscaram manter uma certa coerência, fugindo da provocação, não caindo na tentação de baratear o seu trabalho a pretexto de uma discutível conquista de mercado a qualquer preço. Portanto, nem só de porno-chanchada viveu nosso cinema nos anos 70. Mas é verdade que se produziram muitos filmes dentro desse gênero que, a rigor, é tão brasileiro quanto outro qualquer e isso, talvez, possa vir a ser entendido e explicado quando se puder conhecer e discutir a fundo a história do Brasil nesta década de tantos silêncios. Há, como diz Nelson Pereira dos Santos, um certo pedantismo cultural, próprio de considerável porção da nossa classe média e da nossa intelectualidade, que discrimina a porno-chanchada como, de resto, discrimina o próprio fato de viver num País assim avassalado, assim pobre, assim sofrido. Certamente, quando os tempos forem outros, poderemos entender que a maior das porno-chanchadas desta década não foi obra do cinema, e sim daqueles que tomaram para si o direito supremo de decidir por todos nós.

O.M.

FOLHETIM

Editor
OSWALDO MENDES

COMISSÃO
EDITORIAL

ROGÉRIO C. DE CERQUEIRA LEITE
CARLOS GUILHERME MOTA
JOSÉ A. GUILMON ALBUQUERQUE
TÉRCIO SAMPAIO FERRAZ JR.

Publicação da
Folha de S. Paulo

Editor responsável
BORIS CASOY

Uma década de crises e mordanças

Orlando L. Fassoni

Do que se alimentou o cinema nesta sinuosa década de 70? De que forma se comportou o cinema nacional frente a todos os seus problemas? O que conquistaram, em liberdade de expressão e em espaço de mercado os angustiados cineastas nacionais, constantemente às voltas com a velha batalha contra o filme estrangeiro que estrangula os poucos lugares que lhes restam nas salas de exibição?

As respostas para estas e outras questões poderão ser encontradas no conteúdo desta edição; que se propôs a ouvir, analisar e mostrar o que foi a década, tanto para o cinema brasileiro quanto para o filme estrangeiro. Questões que, com certeza, invadem a consciência de todos aqueles que admiram, cultivam, analisam ou simplesmente gostam do cinema, e que estão ligados nos esforços que o filme nacional faz para melhorar sua qualidade, para obter mais espaço no mercado; para conquistar uma grande parte do público que ainda hoje, apesar dos bons filmes que tivemos nos anos 70, vive de preconceitos contra o nosso produto, com razão, às vezes, e também sem razão, outras vezes.

Hoje, neste final de década, ninguém seria capaz de ser suficientemente visionário para estabelecer parâmetros ou indicadores que nos dessem uma perspectiva do que será o cinema local a partir da próxima década. Teremos uma era mais expressiva em termos de criatividade? Solucionaremos os nossos principais problemas, conquistando maiores platéias com obras vigorosas? Mesmo com a chamada abertura, que dizem estar aí, no ar, os nossos realizadores terão possibilidades de retomar a linha do cinema sócio-político desenvolvido no começo dos anos 60 e até o início da era ditatorial, 1964?

O fato é que, decorridos 10 anos, o cinema brasileiro se viu alinhado, culturalmente, ao lado das outras artes que sofreram a erosão das idéias, provocada pela repressão. E sem

poder debruçar-se sobre os grandes temas de uma realidade nacional dolorida e trágica, viu-se obrigado, para manter um público reunido pelo cinema novo, a buscar no sexo o seu modo de sobrevivência. Mas, que não se culpe a porno-chanchada. Ela surgiu como o gênero em que os cineastas encontraram as alternativas: obrigadas a permanecer de boca fechada, muitos deles ingressando assustadoramente no estado depressivo, ameaçados, subjugados pelas mordanças de uma impiedosa censura, e pela força do rolo compressor do Sistema, encontraram no cinema de mais fácil consumo, apelativo, a forma de sobreviver. Os que não foram picados pela "saúva", como definiu Domingos de Oliveira, referindo-se à porno-chanchada, se viram obrigados a aguardar os acenos dessa abertura que, a partir de 80, pode ser benéfica na mesma medida em que pode, também, vir a ser um instrumento de intimidação aos que se propuserem a rever, em filmes, esse nebuloso e triste passado de torturas, falcaturias, escândalos etc.

É quase certo que, nos próximos anos, os realizadores brasileiros não deixarão escapar a oportunidade de rever todos esses anos de silêncio e dor. Isso nos devolverá o cinema político, de compromissos com a realidade, como a alternativa que não pudemos ter na década. E, se o cinema novo, a partir do fim dos anos 50 e começo dos 60, foi a réplica dos cineastas mais conscientes ao ócio e ao descompromisso da chanchada, o nosso cinema, a partir de agora, se vê obrigado a assumir sua verdadeira posição cultural, partindo acelerado para o estudo, a análise, o debate em torno das angústias e neuroses de uma sociedade que até agora não saiu do caos.

Evidentemente, isso não quer dizer que veremos a morte, por exemplo, da nossa porno-chanchada, ou do gênero policial que floresceu nos últimos três anos, apoiado na própria brutalidade sob a qual vivemos o

nosso dia-a-dia. A porno-chanchada, defendida por uns, severamente criticada por uma maioria, foi, afinal, o gênero que nos garantiu maiores platéias, que abriu o mercado de trabalho. Qualquer pesquisa, por mais rápida que seja, vai confirmar o fato de que os filmes nacionais de maior sucesso e de melhor público, nestes anos, foram porno-chanchadas, umas bem trabalhadas, outras mais vulgares. A pressa em concorrer com o cinema estrangeiro, contudo, foi a responsável pela enorme série de produções de baixo nível que os intelectuais desprezaram, mas o grande público aceitou.

O filme nacional foi sempre capaz de encontrar caminhos, brigar contra todos os desafios, ajeitar-se, bem ou mal, entre as pressões que, historicamente, o incomodam. Discutiu-se muito, nestes anos todos, a falta de um mercado mais amplo; os cineastas procuraram ampliar as relações Cinema-Estado, mas se viram podados nas suas mais legítimas aspirações por uma cultura sem ranços do colonialismo; brigaram por mais platéias, e é notório o aumento do público no filme nacional. Tentaram transformar os processos de financiamento e de distribuição da Embrafilme, ganharam a lei da obrigatoriedade do curta-metragem e, enfim, cumpriram o seu papel. Se não obtiveram muito, resta-lhes a esperança de prosseguir enfrentando, com a inteligência e as câmeras, todos os entraves que, ainda muito graves, permanecem impedindo tanto a completa liberdade de expressão e pensamento quanto uma melhor situação industrial, o alcance de um sistema a criação seja complementada pela estrutura eficiente de produção, distribuição e exibição.

Todas as cinematografias, da americana à japonesa, da soviética à italiana, viveram uma década de crises. A nossa não seria exceção dentro desse quadro. Crises, no entanto, só são vencidas com trabalho e otimismo que é o que não falta, e não faltará, aos diretores brasileiros.

Cartas

Música,
por favor

JOSÉ BENEDITO TAVARES (São João da Barra, SP) — Quero parabenizar a sra. Maria Aparecida Venci, de Maringá, PR (Folhetim n.º 149) pelo bem lembrado abandono da MPB, porque pensando bem, do jeito que a coisa vai, daqui a poucos anos, quando precisarmos cantar o Hino Nacional, teremos que fazê-lo em voz baixa, para que ninguém escute as besteiras que estarão saindo. Fica aqui um apelo ao sr. ministro da Educação: por favor, aumente só mais uma aula no currículo escolar: a de música.

Visto de
longe

MARIA INFÂNCIA (São Paulo, Capital) — Depois de ler o artigo de Paulo Francis, "O Brasil Visto Daqui" (Folhetim n.º 151), percebi que infelizmente o povo norte-americano anda um pouco desatualizado quanto ao nosso País. Embora os fatos aqui acontecidos não se comparem a um Khomeini, aos sensacionais Beatles, podemos mencionar um Paulo Salim Maluf, um Delfim Neto, um presidente que a passos galopantes reestrutura toda uma democracia e, como atração maior, um Geraldo Vandré, um Chico, um Augusto Boal. Quanto aos italianos, é com infinita tristeza que gostaria de poder fazê-los mudar de idéia quanto ao

país do "futebol, samba, índios"... Nosso futebol tende a findar, nosso samba foi substituído por enlatados importados e nossos índios, os que restam...

Espírito
de Natal

BENEDITO MORAES DE FARIA (São José dos Campos, SP) — É chegado o Natal e com ele o momento de ajudar nossos semelhantes. Campanhas — das mais simples às mais sofisticadas — são feitas no sentido de ferir nossas sensibilidades, carcomidas pelos acontecimentos do dia-a-dia. Frases de efeito moral são elaboradas para que os objetivos filantrópicos sejam atingidos. Há na minha coleção de solicitações, pelo menos três cartas oriundas de Betim, MG, e uma de São Bernardo do Campo. Naquelas, que denomino campanhas simples (cartas manuais suplicando auxílio em nome de Deus); nesta, uma campanha mais sofisticada, com frases do tipo "Pior do que falar sobre a fome, é ver alguém sem ter o que comer", ou ainda "A fome continua enchendo a barriga de muita criança". Evidentemente, meu objetivo não é fazer críticas às entidades filantrópicas, mas sugerir-lhes o envio de cartas e prospectos aqueles que prometem encher a panela do povo ou que recepcionam deputados com "lagostas no molho de Moselina e caviar, Cordona à Bandeirantes e Omelete Surprise, acompanhados de vinhos Sella Schwarzekatz, safra 77, Chateau

Priere-Lichine-Margaux, 75, e campanha Cristal Luis Reoderes, Brut, safra 1873."

A realidade
e o pesadelo

CELIA MARCIA STUQUI (São Paulo, Capital) — Não sei se estava dormindo tanto tempo e estou acordando agora, ou se tudo isso não é mesmo um grande pesadelo... A crise do Irã, terremoto... não seria um telegrama de Alguém? Bem, e depois que tudo se torna brasileiro... é o novo aumento da energia elétrica, as greves dos motoristas. Prá aumentar o custo de vida é só chegar e dizer: todo mundo que se vire. E... não sei onde a gente vai parar, não.

Mas, com a mania que o brasileiro tem de copiar as coisas estrangeiras, acho que não vai demorar o dia em que ficaremos importando "water-gates", sequestros de estrangeiros, subornos internacionais etc etc. Esses muitos etcéteras ficam por conta da imaginação de cada um, que eu, meus amigos, vou me recolher a uma casinha branca, de varanda e, quando tudo isso acabar, eu volto.

Massacre
amazônico

MARCOS FARHAT (Itajobi, SP) — Os jacarés já foram parte da paisagem amazônica. No começo do século, descobriram a técnica para curtir a pele de

um de seus quatro tipos, o jacaré-açu. Vistos como matéria-prima de cintos, sapatos, bolsas, eles passaram a ser cruelmente massacrados e descascados. Por exemplo, no ano de 1950, só do Estado de Goiás saíram oficialmente 4.926.908 peles. No ano de 1964, descobriram como curtir a pele de outro tipo de jacaré, o tinga, e daí, surge um novo massacre. O Brasil proibiu a exportação. Aliás, a matança já estava proibida desde 1967, mas sem possibilidades de fiscalização.

A Geni
proibida

MARCELO REGO MONTEIRO (Botucatu, SP) — Imaginem que, com o sucesso comprovado de Chico Buarque com a peça "Ópera do Malandro", com a juventude eufórica cantando o refrão da música principal da peça ("Geni e o Zepelim"), um fato curioso (ou ridículo, como queiram) aconteceu em minha cidade: um vereador entrou com um projeto na Câmara a fim de que a música citada acima, fosse vetada na cidade (vejam só que ousadia!). O que é isto? Falso moralismo?

Toda correspondência deve ser endereçada a: Folha de São Paulo — FOLHETIM — Alameda Barão de Limeira, 425 — São Paulo, Capital — CEP 01202

en-
ma
n-
io
s
e

DL
A3
B4
A4
LTR
B5



O cinema e a cultura brasileira, na visão de Glauber Rocha —

Acabou o MDB cultural! Vamos dar nome aos bois!

FOLHETIM — Você concorda que o cinema brasileiro na década de 70 caracterizou-se pela falta de objetivos mais nítidos, seja do ponto de vista ideológico e estético? Acha que hoje os cineastas ainda estão com a censura na cuca?

GLAUBER — Esse papo de censura, de conformismo, não interessa. Arte é privilégio de gênio. Arte para mim é Mozart, é Dante Alighieri, é Leonardo da Vinci, é Eisenstein, é Orson Wells. Alguns filmes brasileiros, como "Vidas Secas", "Limite", "Ganga Bruta", "Cangaceiro", "Orfeu do Carnaval", "Pagador de Promessas", "Fuzis", "Macunaima", "São Bernardo", "Xica da Silva". Só isso, o resto é besteira. De forma que os artistas jamais se corrompem. Todos os artistas são revolucionários.

Desse ponto de vista aí o cinema brasileiro produziu filmes como vinha produzindo o tempo todo. O que houve é que o desenvolvimento econômico gerado pela Embrafilme jogou na prática um número enorme de cineastas e uma série de cineastas sem talento passaram a utilizar o dinheiro para fazer pornochanchada, filme histórico e tal. De forma que os cineastas revolucionários continuaram atuando. Os reacionários continuaram acabando e o underground foi para a latrina que era o lugar que devia ficar. A Embrafilme representou um salto industrial importante, uma semi-estatização que garante a produção.

FOLHETIM — E em termos ideológicos e estéticos como foi o cinema, ou como você prefere, os cineastas brasileiros nesta década?

GLAUBER — Ideológico. Ideologia é um sistema de idéias. O cinema é a mais

importante das artes, não por que o Lenin disse, mas por que é a síntese. O cinema é uterino, não é anal. Por isso que não tem quase homossexuais entre diretores e atores no cinema brasileiro. O homossexualismo é uma prática machista, antifeminista, misogena, detesta mulher, nega a procriação. Entendeu? Espero que no jornal "Lampião" não digam que eu estou fazendo campanha contra. Tudo bem, não estou me referindo a essas pessoas. Estou dizendo apenas que o cinema é uterino, vaginal. Então é a síntese cósmica.

Você vê que a mixagem de um filme é mais complexa do que a edição de qualquer disco. A música popular brasileira, do golpe para cá, é um curta-metragem do Cinema Novo. A mixagem é a meta musical, meta som, porque você mete ruído, diálogo, letras etc. Acho que a banda sonora de "Barravento", de "Deus e o Diabo na Terra do Sol", de "Terra em Transe", de todos os meus filmes, a própria de "Di Cavalcanti" significam que estamos à beira da revolução sonora. Incorporei o Villa-Lobos. Não gosto em geral da música popular brasileira, gosto de Villa-Lobos e do folclore, ou seja, da música do negro, da música de Umbanda, samba de favela, música de violão do sertão. São muito melhores cantores e compositores do que os de classe média.

O discurso ideológico dos poemas de "Terra em Transe", então acho que o nível das letras da música popular brasileira é baixo. Para mim, por exemplo, o maior poeta brasileiro é Murilo Mendes, um poeta que universalizou a língua. O Vinicius de Moraes é um poeta erótico,

democrata e revolucionário, porque o "Operário em Construção" continua sendo o melhor poema político revolucionário. O resto é uma poesia que oscila. Acho então que houve uma decadência cultural gerada pela ditadura e pela submissão do Brasil ao imperialismo norte-americano. Os músicos, sobretudo o pessoal do teatro, é jesuítico. Boal, por exemplo, que faz teatro para converter o povo a algum partido. Teatro é para liberar, não é para converter. Boal é um basbaque. Acho Boal um péssimo escritor, um péssimo teatrólogo.

FOLHETIM — Você vê o cinema brasileiro na década totalmente colonizado?

GLAUBER — Não. O cineasta brasileiro, vamos deixar de falar em cinema brasileiro, vamos falar em cineasta. Tem todo tipo de cineasta, desde homens maravilhosos, patriarcas, ayatolás tipo Humberto Mauro, Mário Peixoto, Alex Viani, Ademar Gonzaga, Almeida Sales, Paulo Emilio que já morreu, como cineastas da geração do Nelson Pereira dos Santos, Roberto Santos, Carlos Alberto de Sousa Barros, Walter Hugo Khoury, Trigueirinho Neto. Tem a geração do Cinema Novo e a nova geração da década de 70 que é o Bruno Barreto, o Artur Omar, Silvio Meirelles, Ivan Cardoso. Enfim, e a resposta que lhe digo, acho que os intelectuais mais desalienados do Brasil são os cineastas, os mais descolonizados.

Cacá Diegues é uma figura internacional, também o Rui Guerra, o Nelson Pereira dos Santos, Joaquim Pedro de Andrade. Personalidades internacionais reconhecidas nos grandes centros culturais. Lá eles são levados a sério, não só pelos filmes mas pelo que declaram. Por isto que os intelectuais da ordem literária combatem os cineastas. Eles não têm a mesma importância internacional que os cineastas, à exceção do Jorge Amado, do Celso Furtado, do Darcy Ribeiro, do Josué de Castro, do Osear Niemeyer, do Vinicius de Moraes, do Lúcio Costa e do Gilberto Freire, os intelectuais brasileiros não têm a menor importância.

Vou dizer uma coisa, acho o Haroldo de Campos e o Augusto de Campos uns caras inteligentes, mas acho burrice esculhambiar o Cinema Novo, inclusive uma frustração enorme. Não ter entendido o Cinema Novo é uma grande burrice. Um lance desprezível, marcação reacionária.

O Décio Pignatari a mesma coisa, pessoal do underground também. São os assistentes do Cinema Novo. Eduardo Escorel, assistente, fez "Lição de Amor", uma m... é um cineasta conformista de direita. Antônio Calmon fez pornochanchada, assumindo. "O Abismo" do Rogério Sganzerla, que prometeu ser gênio, é uma m... um fracasso total. O Rogério não é um militante de cinema, não é um revolucionário nem visionário, apenas um garoto egoísta.

Esse pessoal eu não perdôo, porque eles foram escrotos no AI-5. Como é que se explica que por ocasião do AI-5 em 1968, quando o Cinema Novo estava enfrentando uma grande batalha mundial do cinema, fomos atraídos por cascavéis do concretismo, do tropicalismo, do Teatro Oficina. Meu amigo José Celso Martinez, a verdade histórica é essa. Você traiu a mim esculhambando o Cinema Novo. O próprio Rui Guerra, que parecia estar a serviço da Pide. Guerra é um irresponsável. Ele declarou, olha aqui, esse País é um país irresponsável. O Rui Guerra declarou no "Jornal do Brasil", em agosto de 1977, que eu deveria ser internado numa clínica psiquiátrica, porque minhas declarações políticas prejudicavam o processo político.

Nessa época o senhor Rui Guerra se faz representante do governo de Moçambique no setor cinematográfico. Diz a Goddard que está politizando o cinema negro. A intelectualidade revolucionária brasileira não cobra do Rui Guerra, por escrotidão. Agora, o Luis Carlos Prestes declara no "Pasquim" que os russos têm razão ao mandar dissidentes loucos para hospitais psiquiátricos. É um absurdo Prestes dizer isso. Eu o respeito, acho que é uma das grandes figuras do País, mas isso eu não engulo. Ele sabe que eu não engulo. Entendo-me bem com o Prestes, porque entre eu e ele não tem o PC no meio. Entendeu? E isso mesmo: entre eu e Prestes não tem o PC no meio. De forma que o pessoal do PC que andou enriquecendo no setor cultural, dizendo que eu era de direita e recebia dinheiro do Golbery, a esse pessoal estou disposto a perguntar a Luis Carlos Prestes se são mesmo do PC, porque muitos são corruptos. Já disse que se quiserem fazer um filme sobre as passeatas de 68 bastava filmar na Globo, onde estão os passeateiros corrompidos. Eu não vou discutir essa basbaquice.

Jean Claude Bernardet é um canalha e ponto final. Esteve no início do Cinema Novo, amigo do Gustavo Dahl, trabalhava com Paulo Emilio. Nessa época era de direita, defendia Bergman, nouvelle-

vague, Walter Hugo Khoury. Era o crítico mais reacionário do Brasil. Fui lá, esculhambei o coreto em São Paulo. O Gustavo ouviu, minha profecia estava certa. Eu ia fazer o sertão virar mar, ia explodir o Cinema Novo no Brasil. O Jean-Claude não acreditou. Ai quando o cinema novo se realizou ele foi superado. Então ele passou a ser a comadre, a cozinheira do Cinema Novo, porque era um cara que detinha algumas informações sobre as pessoas e passou a pintar o Cinema Novo como artistas de classe média frustrada. Não quis reconhecer o coeficiente revolucionário dos filmes.

Quem não entendeu o Cinema Novo, repito, é burro. O Cinema Novo não é de direita, mas de esquerda revolucionária e o poder é do Cinema Novo, dos cineastas do Cinema Novo. Os cineastas do Cinema Novo não se comunicam mais entre si, mas estão fazendo os filmes, a Embrafilme, que é a maior companhia de cinema da América Latina, do Terceiro Mundo. Liberdade total, a ditadura foi vencida e o cinema brasileiro vai explodir. Agora não com a canalha underground, nem com o cinema Novo que foi para a cooperativa, Cinema Novo da direita, mas com novos cineastas que vão surgir e vários intelectuais que entrarão para o cinema, porque o cinema tem de ser manipulado pelos intelectuais. O cinema é uma linguagem moderna e a televisão também. Eu acho que a Embrafilme tinha de ser reduzida a uma companhia de filmes experimentais, educativos, pesquisas tecnológicas e fiscalizar o mercado.

Folhetim: Você acha que a Embrafilme de alguma forma enquadrado o cinema brasileiro?

GLAUBER — Não. Ao contrário, salvou da fome. Não enquadrado ninguém. Esse raciocínio materialista é falso. O livro de Carlos Guilherme Mota, sobre cultura brasileira, é uma leitura materialista fajuta da história. Em primeiro lugar o processo cultural não se lê desse jeito, como uma consequência mecânica do processo econômico político. O processo cultural é transversal. O mesmo papo antinacionalista e catequista do Roberto Schwartz, que diz que Machado de Assis é reacionário. O Schwartz acha que Anatol Rosenfeld descolonizou o Brasil. Quer dizer: ele é um espírito jesuítico, que defende a micro-análise, a fenomenologia. Isso é a Universidade de São Paulo, o Roberto Schwartz, Carlos Guilherme Mota, esses raciocínios imediatistas.

Inclusive o José Celso Martinez no Teatro Oficina não consegue ir ao processo brasileiro na sua integridade. Acho que ele adota uma metodologia que leva a exclusões fantásticas, mas a constantes fracassos. Eu comparo o Zé aos físicos. É um pau que sobe e desce, que sobe e desce, quer dizer, não liga o circuito, porque no fundo ele tem uma visão sexualista da vida, que é uma visão radical. O materialismo sexual na verdade é uma vulgaridade, uma decadência muito grande. Acho que Black Power, ecologia, campanha contra a poluição, gay-power é o repertório do departamento cultural da CIA para o Brasil. Não que os pregadores disso sejam agentes da CIA. São ingênuos que destilam as idéias alienantes dentro do País. Eu não quero conversa com esse pessoal.

A contracultura e o Rock e toda essa história aí de hippies, butiques, de Carnibal Street é uma transação escrota. Esse pessoal atacou o Cinema Novo e eu comprei a briga. Ruptura no final dos anos 70. Não vou citar nomes porque não quero ferir as esposas dos senhores. Acho que todos eles foram comidos pela poeira. Acabou o MDB da cultura, essa frente ampla. As pessoas têm que se assumir. Acho que quem fez a patrulha ideológica não foi o Partido Comunista, não foi o pessoal do PC não. Não sei quem é o pessoal do PC, porque o pessoal do PC tem um sistema de clandestinidade bom e o pessoal do PC não é conhecido. Quem se faz passar como do PC é para pegar emprego na Globo.

Esse pessoal não é do PC porque não acredito que comunista possa ser corrupto como certos autores teatrais que serviram à ditadura, corrompendo o povo e enriquecendo, se passando com isso por comunista. Por exemplo, eu acho que o Dias Gomes é um corruptor da cultura brasileira e não podemos deixar que a crítica o chame impunemente de marxista. Não é marxista. É um teatrólogo de direita, neofascista. Eu prefiro o Roberto Marinho ao Dias Gomes, porque o Roberto Marinho é um imperador e de certa forma empregou esses canalhas que se venderam a baixo preço. O Dias Gomes não é o Shaskepeare. Roberto Marinho devia botar o Nelson Rodrigues, o sexo na televisão e não esse moralismo basbaque.

FOLHETIM: Os seus críticos dizem que você na década de 70, no Brasil, não fez cinema. Você falou muito mais do que fez. Além da "Idade da Terra" que a gente ouviu falar há dois anos e mais um curta-metragem

B5
LTR
A4

A VOLTA DE RENATA LU

Maria Eduarda Alves de Souza

Tô Voltando porque estou voltando de uma temporada no Japão, onde, em dois meses, fiz 35 shows em 28 cidades. Tô Voltando porque recomecei a gravar após uma ausência de dois anos e Tô Voltando porque é a música de Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, título do meu novo LP.

Quem está voltando é Renata Lu, com o LP **Tô Voltando**, pela ISAEC, "que me convenceu pela sua filosofia de trabalho, ou seja, ela não só se propõe a incentivar o artista nacional, como lhe dá liberdade total em termos de escolha de repertório."

Assessorada por Paulinho Tapajós, "que não me impôs nada, pelo contrário, deixou-me inteiramente à vontade" Renata Lu foi selecionando as músicas. E o resultado, segundo Paulinho, foi "um trabalho simples no conteúdo, mas complexo em sua estrutura, dosando samba urbano (*Sou Mais Você*, Alex, Totonho e Cabral) com samba de morro (*Paciência*, Noca da Portela e Piteira)."

Sambas de morro são também *Fotonovela*, Nei Lopes e Renato Barbosa, *Cansei*, Sarah e Fafy e *Mil Réis*, Candeia e Noca. De sambas urbanos há, além de **Tô Voltando**, *De Pés no Chão*, Edmundo Souto e Paulinho Tapajós, *Me Dá a Penúltima* e *O Bêbado e o Equilibrista* ("com um andamento mais rápido, puxando para o samba-exaltação"), João Bosco e Aldir Blanc, e *Quando Tu Passas por Mim*, "excelente samba-canção de Vinicius de Moraes e Antônio Maria. E há também *Lição de Botequim*, Carlinhos Vergueiro e Paulinho Tapajós, "que é mais um bolero", diz Renata.



Depois de uma temporada de dois meses no Japão, Renata Lu lança o LP **Tô Voltando**, onde procura dosar o samba urbano com o samba de morro

Revelada como cantora em *A Grande Chance*, TV Tupi, Rio, Renata Lu (cujo verdadeiro nome é Regina Lucia Guaglianoni Damasio) gravou pela CBS e recebeu logo após vários convites para apresentações em shows e na televisão. Faz uma temporada no teatro com Pery Ribeiro, Agildo Ribeiro e o pianista Pedrinho Mattar e participa do 2º Encontro Nacional do Compositor do Samba, no Rio, quando é classificada em primeiro lugar interpretando *Quero Sim*, de Darcy da Mangueira e Leci Brandão, incluída no seu atual LP.

— Tomei impulso a partir dessa música e passei a subir morro, conversar com Cartola, Nelson Cavaquinho. Sabia por que e para quem cantava.

Grava pela CID o compacto *Quero Sim* e *Mundo Melhor de Pixinguinha* (samba-enredo da Portela), viaja para o Paraguai com o conjunto Os Batuqueiros. Na volta é contratada pela Continental, que faz com ela um disco, no qual, com *Sandália de Prata*, é lançada nacionalmente.

Cumprir nova temporada no Teatro Opinião (de cujas noitadas já participava quando se definiu como sambista) e transfere-se para a CBS. Lá grava um compacto (*Jogo de Jongo*, Totonho e Paulinho Rezende, e *Minha Tristeza*, Marcos e Michel) e comparece no LP *Sambas de Enredo—Blocos do 1º Grupo*, 1978, com *Uma Rosa em Vida*, *Homenagem ao Poeta*, do bloco Mocidade Unida do Jardim América.

Sobre o Japão, onde esteve este ano durante dois meses integrando um grupo de artistas do Rio-Brazilian Carnival 79, liderado por Paulo Moura, diz:

— Muitos artistas brasileiros que lá estiveram nos amedrontaram dizendo que o público japonês era frio. Pelo contrário, quando motivado, é alegre, carinhoso.